

# 01-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura de Atos para a Reforma Agrária e Comunidades Quilombolas - Brasília/DF

Palácio do Planalto-DF, 01 de abril de 2016

Boa tarde a todos e a todas,

Meu cumprimento especial ao movimento negro, aos movimentos do campo, ao movimento quilombola, às mulheres, à juventude, aos povos de terreiro aqui presentes.

Queria cumprimentar o nosso ministro do Desenvolvimento Agrário, Patrus Ananias; a nossa querida ministra, Nilma Lino Gomes, das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos; os ex-ministros da Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial aqui presentes, o Edson Santos e o Eloi Ferreira.

Os deputados federais: a Erika Kokay, o João Daniel, o Luiz Couto, Nilto Tatto, o Padre João, o Valmir Assunção;

Cumprimentar aqui os secretários especiais: Carlos Gabas, da Previdência Social; o nosso querido Feijó, do Trabalho; a Eleonora Menicucci, das Políticas para as Mulheres; o Ronaldo Barros, de Igualdade Racial; o Rogério Sotilli, de Direitos Humanos.

Cumprimentar o Alexandre Conceição, da Coordenação do MST, o Aristides Santos, secretário de Finanças e Administração da Contag; o Nuno Coelho, coordenador nacional dos agentes de Pastoral Negros; a senhora Kátia Penha, da Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas, Conaq; lideranças do Movimento Negro aqui presentes: o Edson França, da Unegro; o Marcos Rezende, do CEN; Gilberto Leal, da Conem; Makota Celinha, do Cenarab; o Ivonei Pires, do MNU - Movimento Negro Unificado; o Ivo Fonseca, da Conaq; a Iêda Leal, da Marcha de Mulheres Negras; a Mãe Lúcia de Omidewá, representando as mulheres de terreros. Desculpa, Mãe Lúcia de Omidewá; meu caro Pereira da Viola que encantou os nossos corações e sobretudo fez uma homenagem ao nosso País com um lindo Hino Nacional.

Queria cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Nós sabemos, cada um de nós sabe disso, que a dificuldade de acesso à terra tem sido, desde os primórdios da nossa história, uma das razões para a imensa desigualdade que caracteriza o Brasil. Principalmente porque não ter acesso à terra, tanto na época da colonização como depois, tinha a ver com o imenso período no qual o Brasil, uma parte, a maior parte da nossa população, estava apartada da terra. Os negros e os índios. Isso explica o fato de que um País tão grande, que teve uma divisão baseada nas chamadas capitanias hereditárias, construiu essa imensa dificuldade de acesso à terra.

Por isso, sempre é muito importante quando assinamos decretos que signifiquem a ampliação do acesso à terra. Hoje, nós estamos assinando 25 decretos que compreendem 56.512 hectares, que vão permitir mais um passo, não um passo definitivo, mas mais um passo na construção de um Brasil mais justo, mais igual, mas também muito mais rico.

Acesso à terra, à terra produtiva, acesso à terra bem cultivada significa riqueza para brasileiros e brasileiras.

Os quatro decretos de regularização de territórios, totalizando 21 mil hectares, oficializam a legítima ocupação de terras pelas comunidades quilombolas em Sergipe; em Gurupá, no Pará; Macambira, no Rio Grande do Norte; Monge Belo, no Maranhão. 21 decretos são de desapropriação de terras para fins de reforma agrária e desapropriam propriedades em 14 estados, afetando uma área total de 35,5 mil hectares: Pará, Maranhão, Tocantins, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Sergipe, Ceará, Paraíba, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Paraná. Com acesso à terra, essas famílias quilombolas, famílias também de agricultores e agricultoras, vão ter a oportunidade de construir uma nova história de vida. Um novo tempo em que terão a segurança de um lugar para viver, a terra para produzir e gerar renda e para preservar a sua cultura com dignidade e autonomia.

Cada um desses decretos é, sem dúvida, uma contribuição para construir um novo Brasil, um Brasil comprometido com a emancipação de populações tradicionalmente marginalizadas. Um Brasil que tem de respeitar diferenças, tem de respeitar diversidade e que tem de estar comprometido com a igualdade de oportunidades. Por isso, eu fico muito feliz. Fico muito feliz pela questão fundamental no nosso país, que é a questão da igualdade racial.

No dia 21 de março, a Secretaria de Igualdade Racial completou 13 anos. Em 20 de julho próximo, o Estatuto da Igualdade Racial vai completar seis anos. Eu me orgulho muito, tanto da Lei de Cotas nas universidades públicas que está em vigor desde 2012. E aí é importante frisar que muitas vezes diziam que, com a Lei de Cotas, nós estávamos nivelando por baixo, que a gente estava permitindo que sem mérito as pessoas chegassem à universidade. O que se viu foi o oposto a isso, pelo contrário, os alunos da Lei de Cotas têm apresentado um desempenho acima da média. Porque, diante da oportunidade, nós sabemos que o nosso povo é forte e guerreiro, aproveita a oportunidade e demonstra a sua enorme competência. A Lei de Cotas no serviço público que está em ação desde 2014. Eu cito essas duas legislações pela importância que elas têm para uma ação afirmativa. Muitos questionam a ação afirmativa, mas nós sabemos a importância da ação afirmativa para construir de fato no nosso País um caminho de oportunidades.

Eu cito essas medidas, que começaram no governo do presidente Lula e que eu dei continuidade, porque elas representam instrumentos, não para o Estado substituir as pessoas, mas para o Estado assumir, do ponto de vista político, que a responsabilidade dele é garantir oportunidades.

Essa foi uma escolha, escolha que nos permitiu, também, sempre que dialogamos com os movimentos sociais, avançar na luta contra o racismo e a discriminação em nosso País.

Nós temos agido de forma continuada junto a esses movimentos que são protagonistas da sua própria história, porque a persistência da discriminação racial no nosso País é um vergonhoso paradoxo, um País nascido da miscigenação de diferentes etnias e credos, um País que tem na matriz africana uma das suas raízes mais ricas e fortes não pode compactuar com o racismo.

Muito do que nós somos, da alegria que temos, nós devemos a essa matriz africana. Infelizmente, é verdade que a importância do sangue afrodescendente na formação do povo brasileiro ainda é ultrajada pela injustiça social, pelo preconceito e pela violência contra mulheres negras, jovens negros, contra pessoas negras.

Sabemos também que essas parcelas da nossa população sofrem uma intensa discriminação. É o caso dos negros perseguidos em sua fé, das mulheres atingidas simultaneamente pelo preconceito de raça e por serem mulheres. É o caso dos jovens negros submetidos a um grau muito mais intenso de violência. É o caso dos quilombolas discriminados também porque lutaram para manter suas formas tradicionais de vida e sua identidade.

Por isso, esses decretos representam mais que o acesso à terra, representam também o esforço do Estado brasileiro, mesmo em uma conjuntura de dificuldades, de resgatar a dívida que têm os descendentes das populações africanas que foram escravizados.

Esse esforço envolve necessariamente uma política de assistência técnica, de compras de produtos quilombolas, a criação do Selo Quilombola para as comunidades que vivem dos valores e frutos do campo.

Queremos e vamos continuar colocando o Estado brasileiro para atuar em favor da superação da enorme desigualdade racial e desse preconceito que ainda vige em nosso País. Nós, afinal, queremos um Brasil mais igual, que respeite a diversidade, que acabe com o preconceito, que seja um País onde os ódios não proliferem, a violência não ocorra e a paz se instaure.

Minhas amigas e meus amigos, desde que eu me apresentei pela primeira vez à sociedade brasileira como candidata à Presidência da República, eu tenho assumido um compromisso com a reforma agrária. Sempre disse, e reafirmo, que a reforma agrária que nós temos de fazer é dar acesso à terra, mas é também muito mais que isso. O acesso à terra é imprescindível, mas a reforma agrária além de exigir terra, exige crédito para produção, assistência técnica, seguro da produção, política de comercialização. Acredito ainda que a produção da agricultura familiar, que tem também uma forte ligação com os assentamentos de reforma agrária, tem de estar baseada também na agroindústria, na agroecologia, na geração e criação de valores e renda nessas propriedades. Exige moradia digna, com infraestrutura básica e acesso a serviços de educação e saúde.

Algumas dessas coisas nós conquistamos. No caso da moradia digna, há que reconhecer que os movimentos rurais dentro do Minha Casa Minha Vida Entidades tiveram um desempenho acima da média em relação a todos os demais.

Entre a metade do meu segundo mandato e o ano de 2015, praticamente 160 mil moradias foram construídas pelos Movimentos Rurais e Entidades, mostrando uma capacidade, uma competência, porque não construíram só uma moradia, construíram uma moradia e também equipamentos para uso na propriedade rural.

Reforma agrária bem-sucedida está, sem sombra de dúvida, articulada com a agroindustrialização. Hoje eu recebi aquela cesta e disse para o nosso companheiro do MST que tinha me entregado que eu recebi aquela cesta como um manifesto. Naquela cesta, tinha um pacote de arroz, eu visitei a unidade lá em Guaíba, no Rio Grande do Sul, que produzia aquele arroz. É um arroz orgânico de alta qualidade com empacotamento industrial, um produto comercializado em supermercados e passível de exportação.

Então, nós estamos falando de uma reforma agrária que coloca o agricultor no centro do mundo. Não estamos falando de uma reforma agrária qualquer. Por isso, eu recebi como um manifesto aquela cesta.

E eu quero dizer que os decretos que nós assinamos hoje só são um começo. O Estado brasileiro tem o dever de apoiar os novos agricultores rurais para que sejam bem-sucedidos.

E quero também dizer que nós temos tido todo um interesse na questão do desenvolvimento agrário. Fizemos um grande esforço e conseguimos levar água para o semiárido. Foram 1 milhão e 200 mil cisternas de primeira água feitas em parceria com várias entidades, mas algumas delas são muito importantes. E aqui eu me refiro à participação de entidades, as mais variadas, e tenho certeza que esse esforço vai continuar, principalmente, no caso da segunda água. Nós também começamos a fazer cisterna de segunda água. Posso estar enganada, mas o número que me veio à memória é em torno de 150 mil cisternas de segunda água que nós conseguimos fazer nesse período.

Bom, eu queria dizer que desde 2011 nós conseguimos assentar 134,4 mil famílias e foram criados 592 assentamentos. Tenho clareza que o crescimento tanto da agricultura familiar quanto da produção dos assentamentos tem a ver com o programa de aquisição de alimentos e também com o PNAE, que é o Programa Nacional de Alimentação Escolar, e também com uma parte do PAA, que é a política de compras do Estado brasileiro quando segmentos da institucionalidade brasileira compram da agricultura familiar, como é o caso de hospitais e de unidades das Forças Armadas.

Por isso, eu acredito que, mesmo nesse momento de dificuldades, a questão do programa PAA será tratada de maneira diferenciada pelo governo, assim como nós tratamos de forma diferenciada o Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida.

Eu gostaria de concluir sinalizando que para nós o combate à desigualdade, contra o preconceito, a construção de um País pacífico no convívio social é um princípio que permeia todas as ações de meu governo. Eu acredito que é um dever moral o combate à desigualdade. É um dever moral, mas também é, sobretudo, uma exigência da democracia. O Patrus disse que não vai ter golpe, vai ter reforma agrária. E isso é uma fala muito importante, porque o que o País tinha de estar fazendo era ações para garantir o seu crescimento econômico, era ações para garantir o desenvolvimento social de sua população.

Nós sabemos que a democracia tem forma e conteúdo. Ela tem forma e conteúdo. A democracia afeta todas as dimensões da vida numa sociedade. Por que, sobretudo, o que é a democracia? É a forma que nós escolhemos para nos relacionar. A democracia é isso: a forma pela qual nós nos relacionamos.

Então quando o Patrus fala: “Não vai ter golpe, vai ter reforma agrária”, ele está enfatizando um aspecto da democracia que queremos, que é uma democracia com reforma agrária. A Nilma me disse a pouco que não vai ter golpe, vai ter combate aguerrido à discriminação racial. Por que? Porque a democracia permite isso, ela é a forma pela qual nós nos relacionamos.

Na ditadura, qual é a relação? A relação é de imposição. No arbítrio, qual é a relação? Uns decidem por todos. Por isso que a gente tem de entender que a democracia tem forma e tem conteúdo.

Hoje o Brasil tem os dois aspectos da democracia ameaçados. O aspecto formal que é aquele que as leis garantem, aquele que as leis regulam. Na verdade, é como se fossem as regras do jogo. As regras do jogo não podem ser rompidas, porque se se rompe a regra do jogo se compromete o jogo, torna o jogo suspeito, torna a relação entre as pessoas problematizada.

Do jeito que nós hoje estamos enfrentando a questão, nós sabemos que a forma da democracia está definida na nossa Constituição, a Constituição que nós produzimos, construímos, desenhamos, escrevemos, a Constituição cidadã de 1988.

Lá estão as regras do jogo. Além disso, em várias outras legislações estão as regras do jogo.

Não há democracia quando os direitos de alguns são atropelados pelo arbítrio de outros. Por isso que é importante definir que um País precisa de garantir oportunidades iguais para todos os seus integrantes. Por isso que um governo quando olha o seu orçamento tem de dizer aonde vai gastar, o que vai priorizar e porque prioriza aqueles que mais precisam. Porque a gente tem de garantir para os que mais precisam que eles tenham igualdade de condições. Daí a importância da Lei de Cotas, daí a importância que na reforma agrária não seja só terra. Que se dê crédito e assistência técnica, que se dê condições para produzir aquele pacote de arroz de alta qualidade. Nós sabemos o que nós podemos conseguir e tenho certeza que isso é a parte do conteúdo da democracia. É aquilo que dá qualidade a ela. Nós teremos uma democracia que respeite todas as religiões, que não tenha preconceito e não diga que uma é melhor que a outra, que respeite todas as pessoas e que olhe para a reforma agrária como um processo em que todos os brasileiros se beneficiam. Porque se no Brasil as pessoas gerarem renda a partir de suas terras, se os filhos do agricultor tiverem as mesmas condições que tem qualquer morador da cidade, o Brasil será sem dúvida muito melhor.

Nós hoje precisamos nos manter vigilantes e oferecer resistência às tendências antidemocráticas. Oferecer resistência também às provocações. Nós não defendemos qualquer processo de perseguição de qualquer autoridade porque pensa assim ou assado. Nós não defendemos a violência. Eles defendem, eles exercem a violência, nós não. E eu queria acabar dizendo que mais oportunidade e mais cidadania, mais democracia e vice-versa. Portanto, eu quero agradecer a vocês. Nós sabemos que sem democracia, a estrada das lutas pela igualdade contra o preconceito será muito mais difícil. Por isso, nós não vamos permitir que a nossa democracia seja manchada.

Quero citar aqui um dos maiores intelectuais da história brasileira, Milton Santos. Milton Santos diz uma frase para nós muito inspiradora: “O mundo é formado não apenas pelo o que já existe, mas pelo o que pode efetivamente existir”. Nós somos aqueles que lutam pelo que pode efetivamente existir.

Muito obrigada.

☐  
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-de-atos-para-a-reforma-agraria-e-comunidades-quilombolas-brasilia-df-28min24s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-de-atos-para-a-reforma-agraria-e-comunidades-quilombolas-brasilia-df-28min24s>)(28min24s) da Presidenta Dilma

# 05-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Programa Nacional Hora do Enem - Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 05 de abril de 2016

Boa tarde.

Queria cumprimentar aqui o nosso ministro da Educação, Aloysio Mercadante,

O nosso ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Celso Pansera,

Queria cumprimentar o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade,

O secretário de Educação do Distrito Federal e representante do Conselho dos Secretários de Educação, Júlio Gregório,

A presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Helena Nader,

Queria cumprimentar também o senhor Rafael Lucchesi, diretor-geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o Senai, por intermédio de quem cumprimento todos os representantes do Sistema S aqui presentes.

Dirigir um cumprimento todo especial ao Frei David, presidente da Educafro,

Cumprimentar os senhores e as senhoras representantes de associações das emissoras de TV parceiras desse Programa,

Cumprimentar os professores,

Cumprimentar os estudantes e as estudantes aqui presentes,

Cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas,

Muitos de nós assistiram, num filme que passou recente tanto nos cinemas como também nos programas de TV - não vou citar o Netflix, porque tem o MECflix. Mas muita gente aqui assistiu o "Que Horas Ela Volta?". "Que Horas Ela Volta" é um pouco a história que nós estamos aqui discutindo; que é a história de uma oportunidade da mudança, que essa oportunidade produz nas pessoas, não só no acesso à educação, mas produz também na autoestima. Então, esse é um programa, 'A Hora do Enem', para as Jéssicas, homens e mulheres do nosso País.

E aí eu aproveito para dizer que um dos compromissos mais importantes do meu governo - e nós adotamos Pátria Educadora por isso - era, é e será sempre a democratização do acesso ao ensino superior.

Nós, nos últimos 13 anos, a partir do governo do presidente Lula e no meu governo, implementamos várias políticas para atingir esse propósito, que é fundamentalmente democratizar acesso à informação, garantir que as Jéssicas do nosso País tenham oportunidades.

Nós fizemos uma série de ações, desenvolvemos uma série de programas, ampliamos a infraestrutura, garantimos uma ampliação significativa na área das universidades. A rede federal de educação passou a ter mais 18 universidades e 180 campus. Nós tivemos também uma explosão dos institutos federais de educação. Chegamos, em um período de quatro

anos, em um período recente de quatro anos, a fazer em torno de 204 escolas de institutos de educação de ensino tecnológico. Enfim, tivemos todo um cuidado de nos esforçar para ampliar a rede pública de educação.

Fizemos parcerias também, fizemos parcerias e uma delas - que eu muito me orgulho - foi a que nós realizamos com o Sistema S, especialmente, com o Senai, criando e financiando os institutos de inovação e os institutos tecnológicos. Enfim, fizemos um grande esforço nesse período.

Mas também assegurar o acesso à universidade implicava que nós garantíssemos acesso ao ensino particular. Daí a importância do ProUni que trocava, basicamente, impostos por vagas nas escolas de ensino superior privadas. Foram 1,75 milhão de jovens beneficiados desde a criação do ProUni.

No caso do Fies, tratava-se de dar sustentação ao financiamento da educação superior em escolas privadas, permitindo que os alunos pagassem o seu endividamento a posteriori, ou seja, depois de formados, com uma adequada carência. Com isso nós beneficiamos em torno de 2,7 milhões de estudantes que tiveram, pela primeira vez, acesso ao ensino superior privado.

Além disso, tivemos uma política muito clara no que se refere à lei de cotas, garantindo que estudantes de escolas públicas, negros e indígenas tivessem oportunidades. E essas oportunidades significassem ampliar a capacidade dessas pessoas acessarem o ensino superior.

Nós substituímos os sistemas de vestibulares pelo SISU, que foi a transformação desses vários vestibulares em um mecanismo pelo qual o jovem, via internet, acessa as universidades de todo o Brasil sem sair de casa.

Então o que nós fizemos? Nós criamos um caminho de oportunidades que tem várias portas: a porta da universidade pública federal, a porta da instituição, dos ICESPs, a porta do SISU, do Prouni, a porta do Fies, enfim, várias portas. A partir de um portal único. Esse caminho tem um portal de entrada, e esse portal de entrada dá acesso a essas múltiplas portas: esse portal se chama Enem. O Enem foi um processo... eu assisti tanto como ministra-chefe da Casa Civil, no governo do presidente Lula, e depois como presidente da República, um imenso esforço feito pelo Ministério da Educação e Cultura para criar o Enem, como uma forma de garantir que nós tivéssemos uma política de acesso democrático ao ensino superior, que não fosse uma política que pudesse beneficiar esse ou aquele, mas que garantisse que, através de um processo de seleção geral, as pessoas pudessem chegar ao ensino superior, tanto público quanto privado.

E hoje nós estamos aqui dando mais um passo. Criando uma plataforma, uma plataforma interativa chamada Hora do Enem. A Hora do Enem, que é uma parceria do Ministério da Educação com o Sesi, vai permitir que os estudantes agora tenham um avanço nesse caminho de oportunidades, que é o acesso ao simulado. É fazer o simulado de uma forma muito interessante porque para cada um é de um jeito, de uma forma customizada. Cada pessoa tem os seus sonhos, então quer fazer um curso, cada pessoa tem as suas qualidades, tem aquilo que está faltando. Então, o que o simulado permite? O simulado permite a gente assegurar a todos oportunidades semelhantes, melhorar o desempenho das pessoas que não vão poder pagar um curso específico. E, com isso, vão poder acessar, através da Hora do Enem, vão poder acessar o MECflix, que eu acho extremamente interessante o MECflix porque é uma analogia, na medida em que vai permitir que se coloque à disposição do aluno um conjunto de programas que ele pode assistir, que ele pode ter acesso, que ele pode escolher e, ao mesmo tempo, utilizar também a nossa rede de TVs comunitárias, TVs educativas, TVs cultura, para garantir que o estudante tenha uma diversidade de acessos e, portanto, tenha cada vez mais uma melhoria na sua oportunidade.

Daí, eu quero dizer aos senhores que eu acredito que esse programa é um passo muito importante nessa estrutura, que tem essa porta de entrada, que é o Enem, tem esse portal, esse grande portal, que é o Enem, tem as múltiplas portas. E agora elas têm também um conteúdo prévio e preliminar. Ao permitir quatro simulados - abril, junho, agosto e outubro -

eu acho que com isso nós criamos... Eu reconheço que todos nós, uns somos diferentes dos outros, mas as oportunidades, elas têm de se afinilarem, elas têm de se tornarem similares. Afinilarem, não no sentido de se estreitarem, mas afinilarem no sentido de garantir que as pessoas possam ter acesso a conteúdos excepcionais de forma gratuita, de forma a que os jovens, homens e mulheres deste país, tenham, de fato, acesso ao ensino superior.

E isso é importante por vários motivos. É importante por conta da produtividade do país, como mostrou o presidente da CNI, mas também é muito importante quando a gente pensa que nesse processo dos últimos 14 anos, em que milhões de brasileiros saíram da miséria, milhões de brasileiros ascenderam às classes médias, o que garante que não tenha volta atrás é a educação. Então por vários motivos tanto por um motivo ligado ao fato, que o Brasil por ser um país extremamente desigual ao entrar o século 21, teve que se preocupar com uma questão fundamental, que é a questão da igualdade de oportunidades, da garantia de acesso da nossa população às riquezas. Tem também de ao mesmo tempo se preocupar com o fato de que nós vivemos numa época em que a economia está baseada no conhecimento.

O conhecimento talvez seja o maior instrumento de agregação de valor. Sempre foi de uma certa forma, mas na nossa época ele ainda é mais forte, por que ele tem um conteúdo de exigências que faz parte de toda a revolução que a internet produz, principalmente isso que nos espera, o reino da internet das coisas.

Daí, por que para nós a gente ter no Brasil esse caminho de oportunidades com esse portal, e agora com isso que se coloca para os estudantes do nosso país, nós temos certeza que isso significa uma mudança, e uma mudança que vai ter efeitos a curto prazo, mas cujos principais efeitos são aqueles que a gente vai ter quando perceber que não mais 35% dos alunos que se formaram, são os primeiros da sua família que cursaram o ensino superior, mas quando nós percebemos que são 50%, depois 75% e depois 100% de todos os alunos. São os primeiros, os segundos, ou os terceiros, ou os quartos, ou os quintos, e é isso que nós queremos para o nosso país.

Essa é a linha do caminho, o percurso que nós vamos ter de caminhar em direção a esse país, a pátria educadora. Muito obrigada.

Ouçã a íntegra (14min25s) do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-programa-nacional-hora-do-enem-palacio-do-planalto-14min25s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-programa-nacional-hora-do-enem-palacio-do-planalto-14min25s>) da Presidenta Dilma



# **06-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de Apresentação do Navio Doca Multipropósito Bahia e visita ao Terminal Marítimo de Passageiros do Porto de Salvador- Salvador/BA**

## **Salvador/BA, 06 de abril de 2016**

Eu queria cumprimentar o governador Rui Costa, os ministros de Estado Aldo Rebelo, da Defesa - queria cumprimentar também a nossa querida Rita de Cássia Rebelo-, cumprimentar o Helder Barbalho, da Secretaria de Portos da Presidência da República;

Dirigir um cumprimento especial ao ex-governador da Bahia, ex-ministro da Defesa, Jaques Wagner; ministro do Gabinete Pessoal da Presidência da República;

Cumprimentar meu amigo Waldir Pires, ex-governador da Bahia e ex-ministro da Defesa;

Cumprimentar o embaixador Laurent Bili, embaixador da República Francesa no Brasil;

Cumprimentar o deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa;

A desembargadora, presidente do Tribunal de Justiça da Bahia, Maria do Socorro Barreto Santiago;

O almirante de esquadra Eduardo Barcellar Leal Ferreira, Comandante da Marinha do Brasil e a senhora Christiani Prisco Leal Ferreira;

Cumprimentar os deputados federais: Alice Portugal, Caetano, Daniel Almeida e Davidson Magalhães;

Cumprimentar os senhores almirantes de esquadra: Ademir Sobrinho, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas; Airton Teixeira Pinho Filho, chefe do Estado-Maior da Armada; Álvaro Luiz Pinto, ministro do Superior Tribunal Militar;

Luiz Guilherme Sá de Gusmão, diretor-geral de Material de Marinha; Sergio Roberto Fernandes dos Santos, comandante de Operações Navais; Bento Lima Leite de Albuquerque Júnior, comandante-em-chefe de esquadra; por meio dos quais cumprimento todos senhores e senhoras oficiais da Marinha do Brasil;

Cumprimentar o Comandante Luiz Felipe Monteiro Serrão, por meio de quem saúdo toda a tripulação do Navio Bahia;

Cumprimentar o ex-presidente da Agência Nacional de Petróleo, Haroldo Lima;

Cumprimentar as senhoras, os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

É com imensa satisfação que eu saúdo a incorporação do Navio Multipropósito Bahia à frota da Marinha do Brasil. Trata-se, sem dúvida, de uma iniciativa do meu governo para ampliar a capacidade operacional dessa força que atua com imenso profissionalismo em favor do Brasil, do nosso povo.

Nos últimos anos, nós realizamos importantes investimentos em equipamentos e na formação de pessoal de nossas Forças Armadas. Isso em estreita sintonia com a Política Nacional de Defesa, que busca garantir, para as três forças, níveis de operacionalidade compatíveis com o tamanho e a importância do Brasil.

Este navio é excelente exemplo dessa estratégia. Com ele reforçamos nosso poder naval em atividades típicas de defesa e também em ações de caráter humanitário e de auxílio a desastres.

A versatilidade desse navio é compatível com a diversidade das tarefas que a Marinha do Brasil executa. A lista é longa e inclui a proteção de nossas águas jurisdicionais, a Amazônia Azul, e as malhas hidroviárias. Inclui também a participação em missões de paz sob a égide das Organizações das Nações Unidas e isso ocorre no Haiti e no Líbano, por exemplo. Quando demandada, a nossa força naval atua também em garantia de operações que se chamam garantias de lei e ordem.

Colabora com eficiência em atividades de defesa civil, do que é exemplo a sua recente participação nas ações que se seguiram ao rompimento da barragem de rejeitos minerais, em Mariana. Ocasão em que foram deslocados navios, embarcações e pessoal de apoio aos órgãos federais, estaduais e municipais.

A marinha, portanto, tem papel fundamental em todas as atividades e se destaca nas pesquisas científicas que o Brasil conduz na Antártica.

Ainda na área de pesquisa vale lembrar a incorporação à frota no ano passado no Navio de Pesquisa Hidroceanográfico Vital de Oliveira, navio que é uma das cinco melhores plataformas de pesquisa do mundo, o que é importante para a realização de levantamentos geológicos no fundo do mar.

Frente a esta longa lista de atividades, fica fácil entender a importância do investimento que fizemos para incorporar o navio Bahia à frota da Marinha do Brasil. Um merecido e necessário reforço à capacidade operacional de nossa Força Naval.

Senhoras e senhores,

O Brasil de hoje é um país com fronteiras nacionais consolidadas e que convive em harmonia, cooperação e paz com os nossos vizinhos. Não podemos, no entanto, nos descuidar da defesa de nossa soberania, motivo pelo qual é necessário investir sempre e mais na capacitação de nossas Forças Armadas.

Por isso, mesmo em uma fase de ajustes como a que estamos atravessando, temos nos esforçado para dar sequência aos projetos estratégicos das Forças Armadas. Falo, por exemplo, dos investimentos no Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras, o Sisfron; nos caças supersônicos do Projeto FX-2; e no Projeto KC-390, o maior avião já fabricado no Brasil, que tive a honra de visitar ontem, em Brasília.

No âmbito da Marinha, é estratégica a continuidade do Programa Nuclear e do Programa de Desenvolvimento de Submarinos, o Prosub. Esses programas avançaram muito durante os últimos anos e em especial no meu governo com a conclusão de etapas importantes em Aramar e em Itaguaí. Lembro ainda, por seu caráter decisivo para a defesa nacional as ações para o lançamento, ainda em 2016, de nosso Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas.

Estes projetos são, sem dúvida, estratégicos para as Forças Armadas. São estratégicos para o Brasil, são estratégicos para a sociedade brasileira. Por isso, na proposta de revisão da Lei Orçamentária de 2016, que enviamos ao Congresso Nacional em março, incluímos o abatimento na meta de superávit de R\$ 3 bilhões e 500 milhões destinados ao Ministério da Defesa para garantir a continuidade desses projetos.

O cenário fiscal que enfrentamos é difícil, estamos trabalhando diuturnamente para superá-lo. Mas devemos superá-los sem sacrificar projetos que são fundamentais para a retomada do desenvolvimento e para o futuro do Brasil. Esse é o caso dos projetos estratégicos das Forças Armadas.

Afinal, o Brasil é um país de dimensões continentais e riquezas extraordinárias, cuja defesa precisa ser aprimorada continuamente. É isso que temos feito nos últimos anos na Política Nacional de Defesa ao investir em nossas Forças Armadas, que, a cada dia, se mostram mais eficientes e profissionais no cumprimento de suas funções.

Assim, cada novo equipamento que incorporamos às Forças Armadas, como o navio Bahia, é mais uma contribuição para o Brasil desenvolvido que estamos construindo. Quero aproveitar e dizer aqui, perto do Forte São Marcelo, forte esse que consagra uma etapa importante da luta pela independência no nosso País, principalmente aqui na Bahia, com o 2 de julho. Um ano após a independência em 1822, aqui nós tivemos a última batalha contra os portugueses pela firmação da nossa Pátria. É algo importante que nós estejamos aqui contíguos desse forte, que ao mesmo tempo também é um forte que faz, sem sombra de dúvida, um exemplo na construção da nossa nacionalidade.

Finalmente, para concluir, queria agradecer a todos os manifestantes que se colocam aqui, debaixo de chuva, defendendo a nossa democracia e defendendo a institucionalidade do nosso País.

Agradeço aos senhores a presença e cumprimento a Marinha por essa conquista para a nossa soberania nacional.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-apresentacao-do-navio-doca-multi proposito-bahia-e-visita-ao-terminal-maritimo-de-passageiros-do-porto-de-salvador-salvador-ba-10min40s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-apresentacao-do-navio-doca-multi proposito-bahia-e-visita-ao-terminal-maritimo-de-passageiros-do-porto-de-salvador-salvador-ba-10min40s>) (10min40s) da presidenta Dilma.

# 07-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Encontro com Mulheres em Defesa da Democracia - Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 07 de abril de 2016

Eu queria começar dando boa tarde para todas as mulheres aqui presentes. A emoção fez com que eu perdesse um pouco a voz, mas ela volta imediatamente. Só uma questão de eu tomar água.

Bom, eu não vou cometer aquela frasezinha que os nossos companheiros do protocolo cometeram contra nós. Eu vou pedir para os nossos companheiros do protocolo que eles fiquem muito calmos.

Eu queria cumprimentar primeiro, um cumprimento geral, queria cumprimentar todas as companheiras mulheres aqui presentes; mulheres com histórias de vida diferentes, mulheres diversas: negras, mulheres índias, mulheres brancas, mulheres miscigenadas; mulheres brasileiras, que têm em comum o fato de terem muito orgulho de serem mulheres. Então, boa tarde para vocês.

E eu queria... muito obrigada, viu, muito obrigada. Nós sempre gostamos de elogio e não temos nenhuma vergonha quando falam que a gente está bem; a gente gosta. Mas eu queria cumprimentar, aqui, as seguintes ministras: queria cumprimentar a Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; a Izabella [Teixeira], do Meio Ambiente; e a Élide Lauris, interina das Mulheres, Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; dirigir um cumprimento todo especial à nossa querida Eleonora Menicucci, ex-ministra e secretária especial de Políticas para as Mulheres, que leu as cartas da Margarida Genevois e da nossa filósofa Marilena Chaui. Eu agradeço aos gestos de ambas por me mandarem essas cartas.

Queria cumprimentar também aqui as minhas queridas Fátima Mendonça, Eliane Aquino e a Lurian Lula da Silva,

Cumprimentar as ex-ministras-chefes da Secretaria de Políticas para as mulheres: a minha querida capixaba Iriny Lopes; e a gaúcha Emília Fernandes, de quem recebi manifesto do Fórum das Mulheres do Mercosul. Obrigada.

Cumprimentar as vice-governadoras: Margarete Coelho, do Piauí; e cumprimentar e agradecer a Nazareth Araújo, lá do Acre, de quem eu recebi um manifesto e também aquela caixa de marchetaria, que é uma beleza e que mostra todo o talento dos artistas do Acre.

Queria cumprimentar as senadoras: a nossa querida Fátima Bezerra; a senadora Gleisi Hoffmann; a senadora Regina Sousa; a senadora Vanessa Grazziotin; e o nosso senador também, senador Humberto Costa, líder do governo no Senado,

Queria cumprimentar, aqui, as deputadas federais: Alice Portugal, Benedita da Silva, a Gorete Pereira, a Jandhira Feghali, a Jô Moraes, a Luciana Santos, a Moema Gramacho. Queria cumprimentar, também, os deputados Givaldo Carimbão e Rubens Otoni,

Dirigir um cumprimento especial à deputada estadual, nossa Cidinha Campos,

Queria cumprimentar a presidenta da Caixa, Miriam Belchior,

Dirijo um cumprimento especial às mulheres que fizeram uso da palavra: cumprimento a Alessandra da Costa Lunas, das Marchas das Margaridas - todas nós somos Margaridas; a Antônia Pellegrino, do Movimento Agora é Que São Elas; a Creuza Maria Oliveira, presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas; a Jolúzia Batista, da Articulação das Mulheres Brasileiras; a Junéia Martins Batista, da Central Única dos Trabalhadores e das Trabalhadoras (CUT), que falou em nome das companheiras de todas as centrais sindicais.

Queria Cumprimentar Rita Sipahi, das Mulheres Anistiadas, minha ex-companheira de prisão; a Márcia Tiburi, da #partida Feminista; a Miguelina Paiva Vecchio, da AMT, Movimento das Mulheres do PDT, aqui representando todos os movimentos de mulheres do PT, PCdoB e do PDT; a Socorro Gomes Coelho, do Conselho Mundial da Paz; a Sônia Maria Coelho, da Coordenação Nacional da Marcha Mundial das Mulheres; a Wilma Reis, da Defensoria Pública do Estado da Bahia e da Marcha das Mulheres Negras,

Agradeço à Nilcéia Freire a mensagem de vídeo; também à Silvia Pimentel e à Sueli Carneiro.

Queria, também, agradecer às mulheres que entregaram manifestos: a Bruna Rocha, diretora das Mulheres da UNE; a Daniele de Souza Osório, do Grupo de Defensoras Federais Feministas; a Denise Dora, da Atemis Assessoria Jurídica; a Dulce Maria Pereira, da Marcha das Mulheres Negras; Eliana Hemetério, da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais; a Iridiane Graciele Seibert, do MMC, [Movimento] das Mulheres Camponesas; a Isis Tavares Neves, da CNTE, Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação; a Kátia Dudique, da FLACSO; a Layse Moriére, do Movimento Mulheres pela Democracia; a Leila Regina Lopes Rebouças, do Movimento Promotoras Legais Populares de Brasília; a Lúcia Helena Rincon Afonso, da União Brasileira de Mulheres; a Maria das Graças Santos, da Frente de Mulheres Negras; Maria das Neves, da UJS; Maria José Fontelas, do Movimento Católicas pelo Direito de Decidir; Maria Verônica de Santana, Movimento de Trabalhadoras Rurais do Nordeste; a Nísia Trindade Lima, vice-presidente da Fiocruz,

Cumprimento, ainda, mulheres representantes das entidades e movimentos sociais aqui presentes que defendem os direitos da mulher,

Queria cumprimentar a Camila Lanes, presidente da UBES,

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Queria dizer para vocês que as minhas primeiras palavras só podem ser de agradecimento pelo apoio, pela energia e pelo carinho que vocês hoje estão me transmitindo.

Sem dúvida nenhuma, essa será uma cerimônia cheia de emoção. Emoção, como disse uma das nossas palestrantes aqui, uma emoção a nosso favor, uma emoção que enche o coração de alegria e força.

Eu tenho consciência que esse encontro - e todos os outros encontros dos quais eu tenho participado, mas esse em especial -, o que está em questão não é o apoio a mim, um apoio de caráter pessoal, mas àquilo que eu represento: a democracia e o Estado de direito, mas, sobretudo, é um apoio a nós mulheres.

Na semana passada, algumas mulheres estiveram aqui. Eu digo algumas para não dizer que era a maioria de mulheres. Mas estiveram aqui várias mulheres. Veio uma artista que disse que não apoiava o governo, mas que trazia sua solidariedade a mim, ao meu mandato, à legalidade, e, repito, mesmo fazendo oposição ao governo. Era a Letícia Sabatella.

Veio também, eu queria destacar aqui, a Anna Muylaert, a diretora daquele filme "Que horas ela volta?". Esse para nós é todo um filme muito especial, muito especial. Ele fala da inclusão social, do acesso de homens e mulheres mas, sobretudo, nós sabemos, das mulheres à educação superior. E ela, a Jéssica, é filha de uma empregada doméstica. Não só ela demonstra o acesso, a importância do acesso ao ensino universitário - conquistado ao longo do meu governo e do presidente Lula -, mas ela mostra também algo que para nós é muito

importante: ela mostra a autoestima, a dignidade, a força de uma pessoa que tem, não só consciência que o seu direito lhe é devido, mas que está correndo e percorrendo um caminho de oportunidades. Essa é a Jéssica, a Jéssica que representa Jéssicas masculinas e Jéssicas femininas. E eu recebi simbólicos, fortes abraços, calorosos, que me encheram de confiança. Vocês hoje também, com as declarações, com a essa energia, com essa força que esse plenário demonstrou, vocês me trazem confiança, muita confiança.

Nós sabemos que vivemos um tempo muito estranho. Um momento em que, na clara, na evidente ausência de justificativa jurídica e legal que ampare qualquer processo de impeachment, aqueles que tentam promover um golpe de Estado no Brasil devem saber que são imensos os riscos a que submeterão o País. É verdade que muitos deles percebem, têm clareza da fragilidade de todo esse processo. Por isso, defendem que eu renuncie ou apresentam outras soluções, como soluções, como se fossem um grande pacto pela governabilidade. Eu nunca me opus a pactos que podem oferecer saídas para situações de crise. Aliás, acredito que o Brasil, hoje, precisa de um grande pacto. O Brasil já superou momentos difíceis fazendo pactos, mas nenhum pacto ou entendimento prosperará se não tiver com premissa o respeito à legalidade e à democracia.

A primeira premissa deve ser a defesa da vontade popular manifesta pelo voto. Nenhum pacto, mas nenhum pacto mesmo, pode ser sequer discutido se não se respeitar os mais de 54 milhões de brasileiros e brasileiras que votaram em mim. É preciso ainda mais: devem ser respeitados, também, os milhões que não votaram em mim, mas que participaram das eleições, que acreditaram nas eleições e que honram e acreditam nas regras da democracia. Eles também têm de ser respeitados porque o que está em questão é respeitar as regras democráticas previstas na Constituição.

Tentar derrubar uma presidente eleita sem que tenha cometido crime de responsabilidade, que justifique o impeachment, é um insulto a todos os eleitores. É um insulto aos 110 milhões de brasileiras e brasileiros que reconhecem a eleição direta como maneira certa e legal de eleger os governantes. É isso que caracteriza o golpe. Não será apenas o governante eleito que estará sendo destituído, mas a própria eleição que estará sendo desmoralizada como método de escolha. Ficará para sempre uma nódoa e uma ameaça para todos e sempre haverá os que dirão: “ah, não gosta do presidente, é? Derrube-o”. Leva a isto: leva à perda completa de seriedade, responsabilidade e fé nas instituições. Nós precisamos, sim, de um pacto, eu quero um entendimento nacional, tenho certeza que vocês querem um entendimento nacional. Eu quero o entendimento nacional porque governo para todos os 204 milhões de cidadãos e cidadãs.

Portanto, a intolerância e o ódio não servem a um governo responsável. Eu tenho responsabilidade, tenho responsabilidade com o País, com a democracia, com o desenvolvimento e o crescimento econômico, com a geração de empregos, com a inclusão social. Desde que assumi o segundo mandato, desde a primeira hora, busco, busquei e buscarei consensos capazes de nos fazer superar toda e qualquer crise. Mas o entendimento, ou o pacto, têm como ponto de partida algumas condições: primeira condição - e todas as demais têm peso similar: respeito ao voto; o fim das “pautas-bombas” no Congresso, pautas que não contribuem para o País; unidade pela aprovação de reformas; a retomada do crescimento econômico; a preservação de todos os direitos conquistados pelos trabalhadores e pelo povo brasileiro; e a necessária, imprescindível e urgente reforma política. Esse é o pacto que eu busco: trabalhar para superar a crise, voltar a crescer e agir para entregar ao meu sucessor um Brasil muito melhor, no dia 1º de janeiro de 2019.

Minhas queridas Margaridas, mulheres, minhas amigas e também os meus amigos aqui presentes,

O desprezo pelas diferenças está na origem do preconceito, a gente sabe disso. O preconceito é o motivador da intolerância. A gente também sabe disso. A intolerância é o ambiente em que nascem todas as formas de violência – o insulto, a ofensa, a agressão física, o espancamento, o estupro, o assassinato... Violências que atingem os negros, atinge as mulheres, os jovens, a comunidade LGBT, sobretudo, as mulheres negras, os jovens negros, os indígenas e os diferentes. Dependendo de quem olha, porque a diferença não

está na pessoa, está em quem olha para a pessoa. O preconceito, a intolerância e a violência não podem vencer. Queremos viver em um país em que as diferenças sejam aceitas, os direitos sejam respeitados e as leis sejam cumpridas. Uma lei não pode ser boa porque me beneficia e se tornar ruim porque beneficia o outro. As leis são a garantia de que podemos viver e conviver em sociedade. É óbvio que podemos mudar as leis, mas para isso temos de conquistar a maioria para poder mudá-las; até lá, elas têm de ser respeitadas. A maior de todas as leis no Brasil é a nossa Constituição: é o resultado grandioso, justo, generoso, das lutas dos brasileiros contra a ditadura.

A Constituição diz que a retirada do presidente eleito do cargo somente poderá ocorrer se ficar comprovado que foi cometido crime de responsabilidade. Não está escrito na nossa Constituição que o presidente eleito pode sofrer impeachment porque o país passa por dificuldades na economia, ou porque parte dos cidadãos não gosta dele por qualquer razão, ou por o que seja; podem tirar um presidente se ele cometer um crime de responsabilidade.

Em um regime presidencialista, como o nosso, é necessário ter base jurídica e política para tirar um presidente. Submeter-me ao impeachment ou exigir minha renúncia, ou tentar quaisquer expedientes que comprometam o mandato que me foi conferido é um golpe de Estado sim. Um golpe dissimulado, com um pretenso verniz de legalidade, mas um golpe. Pura e simplesmente isso, um golpe.

Na trama golpista, eu gostaria de destacar, também, o uso de vazamentos seletivos. A nossa Constituição, que garante a privacidade, mas, sobretudo, a legislação vigente, proíbem vazamentos que hoje, na verdade, constituem vazamentos premeditados, vazamentos direcionados, com o claro objetivo de criar ambiente propício ao golpe. Vazar porque não é necessário provar, basta noticiar, basta acusar, basta usar de testemunhos falsos; basta, repito, vazar. Nada disso é problema porque sempre se aposta na impunidade. Isto não transforma o Brasil em um país que respeita instituições, respeita a liberdade de informação, nem tampouco respeita a democracia.

Quero dizer isto porque queria destacar que nós poderemos ter, nos próximos dias, muitos vazamentos oportunistas e seletivos. Eu determinei ao senhor ministro da Justiça a rigorosa apuração de responsabilidades por vazamento recentes, bem como tomar todas as medidas judiciais cabíveis. Passou de todos os limites a seleção muito clara de vazamentos em nosso país.

Minhas amigas e meus amigos,

A igualdade é a base para o fortalecimento da democracia. Uma democracia é sempre mais forte, mais robusta, mais cheia de vida, quando consagra a igualdade. Refiro-me a todos os tipos de igualdade: a igualdade de oportunidades, a igualdade de direitos, a igualdade de gênero, a igualdade diante da lei. Enfim, essa palavra, que enche uma democracia de força, de fé e de esperança. A redução das desigualdades em nosso País, aliás, um país historicamente marcado pela exclusão, um país que nós sabemos tem a marca indelével na sua história e nas suas consequências sociais, culturais e políticas, da escravidão. Essa questão da construção e da redução das desigualdades foi uma das prioridades, e eu tenho a honra de ter sucedido também um presidente, que foi o presidente Lula, que também deu ênfase a esse caminho. Eu tive a honra de servir ao presidente Lula como ministra, e espero também ter a honra de tê-lo como meu ministro.

Nós sempre acreditamos que o Brasil só mudaria de verdade se fosse um país em que os brasileiros tivessem mais direitos, tivessem mais igualdade de oportunidades e que as mulheres tivessem mais direitos, mais autonomia e mais poder. Eu quero dizer para vocês que eu me orgulho muito de ter, em toda e cada uma das nossas políticas, implementadas nos últimos anos, essa marca.

Alguns números falam por si. São mulheres 59% dos estudantes que usam o FIES para financiar suas faculdades; são mulheres 53% dos que têm bolsas do ProUni; 59% dos matriculados no Pronatec; são mulheres 92% dos titulares do Bolsa Família; 90% dos beneficiados da faixa de menor renda do Minha Casa Minha Vida; estão em nome das mulheres 94% das cisternas instaladas pelo meu governo no Semiárido nordestino. Esses

números fazem parte de toda uma estratégia, uma estratégia que também combate a violência contra as mulheres. A Lei Maria da Penha, primeiro, e agora a Lei do Femicídio, que transformou em crime hediondo a violência contra a mulher pelo fato dela ser mulher. E a estruturação de uma rede de âmbito nacional de proteção à mulher contra a violência.

Por isso, neste momento, a luta pela legalidade e pela democracia e contra o golpismo também é uma luta contra a misoginia, o machismo e a violência de gênero. Tenho inteira consciência disso e, por essa razão, digo a vocês que como vocês, até um pouco mais, estou indignada com a matéria da revista Isto É da semana passada. Demandeí que a revista seja processada por crimes contra a honra e exigi direito de resposta. Essa revista vem sistematicamente mentindo, inventando, incitando o ódio e a intolerância. Produziu uma peça de ficção para ofender a mulher e a presidenta. Na verdade, com o propósito de me ofender como presidenta justamente por ser mulher. É um texto muito baixo, que reproduz um tipo perverso de misoginia, para dizer que, quando uma mulher está sob pressão, costuma perder o controle. Vem tentando, aliás, isto vem tentando ser feito há muito tempo, há muito tempo. Ninguém nunca pergunta a um homem: “você está sob pressão?”, “você está nervoso?” Não perguntam. E é interessante sinalizar... Mas é muito interessante notar, que, em relação à pressão, há duas hipóteses que eles levantam contra mim: a primeira é que sou autista, autista porque eu não reajo à pressão perdendo o controle. A segunda hipótese é essa que a revista levantou: que eu reajo com descontrole. Então, a mulher só tem duas hipóteses: ou ela é autista ou ela é descontrolada. Acho que é um desconhecimento imenso da capacidade da mulher resistir à pressão, às dificuldades, às dores e enfrentar os desafios.

Eu tenho muito orgulho de ser mulher e de ser mulher brasileira. Não me acho diferente das mulheres que, nesse País, resistem, batalham e lutam para criar os seus filhos; que lutam muitas vezes sozinhas, enfrentando todas a sorte de problemas e que não se descontrolam nem são autistas. Eu quero dizer, ainda, que eu tenho imenso respeito pelos autistas. Conheço, tenho na minha família, e sei perfeitamente que uma criança autista tem todo o mundo dela; não vejo isso como uma acusação, vejo isso como um desrespeito a certa condição. E queria dizer que esse tipo de tratamento em relação às mulheres, em que, quando estão sob pressão, costumam perder o controle, é, além de... Constitui, além disso, um machismo extremamente banal. Eu não aceito isso; nenhuma mulher deve aceitar isso. Todas as mulheres devem reagir a isso.

Além disso, quero dizer que eu estive três anos presa ilegalmente; fui torturada... A prisão sempre é uma forma humilhante de tratar pessoas, e sempre mantive o controle, o eixo e, sobretudo, a esperança. Enfrentei, como muitas mulheres nesse Brasil nosso enfrentam, uma doença difícil. Eu enfrentei o câncer, que me debilitou no início, mas que eu sempre disse: “enfrenta que você supera”. Mantive o controle, o eixo e a esperança.

Eu estou enfrentando, desde a minha reeleição, a sabotagem de forças contrárias e mantendo o controle, o eixo e a esperança. Quero dizer para vocês: eu não perco o controle, não perco o eixo, não perco a esperança, porque eu sou mulher; é por isso: porque eu sou mulher. Não perco o controle, o eixo e a esperança porque me acostumei a lutar por mim e pelos que eu amo. Amo a minha família, amo o meu País, amo o meu povo. Sempre lutei, sempre continuarei lutando.

Tomo emprestadas as palavras da Cora Coralina. A Cora Coralina diz o seguinte: “*sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores*”. Sou mulher, sim, com muito orgulho. Sou feminina e sou forte; sou sensível e sou firme; sou doce e sou decidida; sou o que tenho de ser, sou o que for, o que preciso for, eu serei.

Sou o que for preciso para lutar pelos meus direitos, pelos direitos do meu povo para lutar pelas liberdades, pela democracia, pelo fim das desigualdades de gênero, pela igualdade de oportunidades para transformar esse País em um grande País.

Por isso eu encerro dizendo: viva as mulheres brasileiras, mulheres a favor da democracia, a favor do povo brasileiro.



Ouçã a Íntegra (43min10s) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-com-mulheres-em-defesa-da-democracia-brasilia-df-43min10s>), da Presidenta Dilma

# 08-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do Estádio Aquático Olímpico e entrega de Unidades Móveis de Suporte Avançado de Vida - Rio de Janeiro/RJ

**Rio de Janeiro, 08 de abril de 2016**

Eu queria iniciar cumprimentando nosso governador em exercício, Francisco Dornelles, e queria dizer que o nosso querido governador Francisco Dornelles, além de ser uma figura histórica no nosso País, com uma grande experiência acumulada ao longo de anos de vida pública, com uma dedicação incontestável ao País, ao seu estado Minas Gerais, ao Rio de Janeiro e aos demais estados dessa Federação, foi também um atleta da natação, vice-campeão pelo Tijuca Tênis Clube... de polo aquático? De polo aquático. E nós, portanto, aqui estamos muito bem acompanhados, nós temos essa sustentação, esse *background* que é o nosso governador Francisco Dornelles.

Queria, também, saudar o governador Pezão, que está em licença;

Cumprimentar os ministros... 1953, governador, eu estava nascida, sim, o senhor falou que eu não estava nascida, mas eu estava; em 1953 eu estava bem nascida.

Bom, eu queria cumprimentar também o nosso ministro interino do Esporte, Ricardo Leyser; cumprimentar o nosso ministro da Saúde, Marcelo Castro; cumprimentar o Celso Pansera, da Ciência, Tecnologia e Inovação,

Queria cumprimentar o nosso o prefeito Eduardo Paes, que tem imenso orgulho dessa cidade, e que, sem dúvida nenhuma, é um dos construtores, tanto no sentido de obras, mas também no sentido da engenharia necessária para se fazer um complexo evento como a Olimpíadas e as Paralimpíadas. Então, Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro, segundo ele, a maior e a melhor e a mais bonita capital da galáxia.

Cumprimentar o nosso presidente do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, Carlos Arthur Nuzman. Eu acredito que o sucesso desta Olimpíadas e desta Paralimpíada se deve à feliz coincidência histórica de ter certas pessoas na condução desse processo. Sem sombra de dúvida, acredito que, sem a iniciativa, sem a capacidade de gerar consensos, de dialogar, sem a energia do Nuzman, nós também não teríamos chegado a este ponto em que chegamos hoje;

Queria cumprimentar o deputado federal Altineu Côrtes;

Cumprimentar o almirante de esquadra Ademir Sobrinho, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas;

Cumprimentar, também, a nossa presidente da Caixa Econômica, Miriam Belchior;

Os secretários estaduais: Leonardo Espindola, da Casa Civil; Luiz Antônio Júnior, secretário de Estado da Saúde; e Marco Antônio Cabral, secretário de Esporte, Lazer e Juventude;

Quero cumprimentar o senhor Marcelo Pedroso, presidente da Autoridade Pública Olímpica;

Cumprimentar o senhor Joaquim Monteiro de Carvalho, presidente da Empresa Olímpica Municipal;

Cumprimentar Bernard Rajzman, membro do Comitê Olímpico Internacional; por meio dele eu cumprimento os atletas, técnicos e profissionais dos esportes aqui presentes;

Quero cumprimentar, também, o senhor Coaracy Nunes, presidente da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos;

Quero fazer uma saudação especial aos operários que construíram esse estádio;

Cumprimentar as senhoras cinegrafistas, as senhoras fotógrafas, os senhores fotógrafos, os senhores cinegrafistas; as senhoras e os senhores jornalistas. Eu estou cumprimentando as fotógrafas e as cinegrafistas porque eu detectei que aqui, hoje, nós temos algumas fotógrafas e cinegrafistas, o que não é - as fotógrafas até são - mas as cinegrafistas, geralmente, não são mulheres, como eu detectei que há mulheres aqui, eu queria dirigir um cumprimento especial a elas;

Queria cumprimentar, também, todos aqueles do governo federal que contribuem para que as Olimpíadas sejam um sucesso e as Paralimpíadas também.

Daqui a 25 dias, a tocha olímpica vai chegar ao Brasil. A tocha olímpica vai passar por 329 cidades de todo o País: do Norte ao Sul, do Leste a Oeste; nós teremos nessas 329 cidades a participação do Brasil, dos seus habitantes, da sua população de homens e mulheres que, na Amazônia, na Caatinga, no Pantanal, na Mata Atlântica, no Cerrado, enfim, em todos os cantos do nosso País, vão carregar com orgulho a tocha olímpica. E, com ela, a gente começa a ter consciência de quão próximos estão os Jogos Olímpicos. Daí a importância desse ato aqui, muito bem registrado pelo nosso prefeito, onde se evidencia a entrega das principais obras preparatórias para garantir uma infraestrutura adequada à nossa Olimpíada e nossa Paralimpíada.

Então, hoje nós estamos aqui, no Centro Olímpico Aquático, no Estádio Aquático, entregando essa obra, que é uma obra fantástica. Uma das coisas que nós podemos atestar, nós todos que estamos aqui, é que, de fato, sopra uma brisa aqui dentro, viu, Eduardo? Você tem toda razão. Sopra uma brisa, uma ventilação bastante adequada.

Mas nós já entregamos, como o prefeito disse, o handebol, a Arena 1,2,3, se eu não me engano; também entregamos, lá no Parque Deodoro, infelizmente eu não pude vir, mas nós já entregamos as principais instalações e muito pouco falta a ser entregue. Queria destacar, também, que todo o sistema de energia que a União ficou responsável, juntamente com o estado e o município, também está entregue. Enfim, nós temos a segurança em dia, e isso significa também um grande acúmulo que nós tivemos durante a Copa, quando tivemos 12 Centros de Comando e Controle.

A segurança estando em dia significa que nós teremos essa Paralimpíada e essa Olimpíada da mesma forma que tivemos a Copa, com paz e tranquilidade, o que é muito importante para garantir para todos aqueles turistas e atletas do resto do mundo e do Brasil que venham participar das Olimpíadas que ela será, sem sombra de dúvida, um evento em que as pessoas vão poder fazer aquilo que se faz em uma olimpíada, que é o conagraçamento pela paz, pela união dos povos, pelo diálogo e pela tolerância entre as diferenças que existem entre todos nós, mas que uma paralimpíada e uma olimpíada mostram que temos um laço muito forte, que é o laço do esporte. Esse laço do esporte é uma união entre povos, entre diferentes etnias, entre diferentes convicções religiosas. Portanto, é muito importante que isso ocorra.

Ademais, nós estamos hoje aqui entregando uma infraestrutura importante para o bom acontecimento dessas Olimpíadas e dessas Paralimpíadas, que são as 146 ambulâncias. Essas 146 ambulâncias constituem, também, uma retaguarda de garantia de atendimento de urgência, rápido, eficiente, para eventos, dos eventos complexos aos eventos de saúde mais simples, e isso também é muito importante.

E aí eu chego em uma questão que acho que nós estamos... É algo que o prefeito disse, e que eu concordo, acho que nós estamos construindo um benchmark, uma referência, uma relação de qualidade nesta Olimpíada, que é o fato de que ela foi feita com a participação,

primeiro, com a parceria, uma parceria entre o governo federal, o governo do estado e a prefeitura; foi feita com a participação do setor privado. Então, essa é uma característica forte dessa Olimpíada e dessa Paralimpíada. Parceria é a palavra.

A segunda característica é o fato de termos feito e termos encarado esse desafio dentro do prazo, com qualidade e baixo custo. Eu acho que essa é a segunda característica.

E a terceira característica é o legado, o que fica para a população do Rio de Janeiro. Ficam escolas, estruturas esportivas, estruturas de habitação e fica, também, uma infraestrutura que é muito significativa: BRT, metrô, e acho que também os VLTs e toda a beleza que hoje a cidade devolve para a população com toda aquela zona, ali, do porto... Eu ia falar do cais, mas ali do porto. E, sobretudo - eu acho que é uma homenagem ao Rio de Janeiro - aquela obra-prima do Calatrava, aquela obra que é o Museu do Amanhã. A obra-prima do Calatrava, que tem a ver com a beleza dessa cidade, ela honra essa beleza natural do Rio.

O legado é, também... Ele vai também se expressar em equipamentos. Um desses equipamentos são as ambulâncias. As ambulâncias, obviamente, um tanto de ambulâncias vão ficar para a cidade do Rio de Janeiro. Mas é importante que o resto da população brasileira perceba que também ela vai se beneficiar com isso, uma vez que essas ambulâncias serão distribuídas pelos outros estados da Federação. Então, essas características tornam as Olimpíadas e as Paralimpíadas Rio 2016 uma referência daqui para a frente.

Eu fiquei extremamente impactada com uma informação dada aqui pelo prefeito: que todas as nossas arenas e estádios têm um valor equivalente ao valor do estádio no qual se realizou... Um único estádio, no qual se realizou a abertura e as principais competições da Copa do Mundo em Londres... Da Copa do Mundo, não, da Olimpíada em Londres.

E eu quero dizer para vocês que isso é, de fato, extremamente importante. Porque nós no Brasil não podemos ceder... eu acho que, hoje no Brasil, tem um certo clima que eu não chamo de mau humor, eu chamo de "quanto pior, melhor". Acho que um clima de "quanto pior, melhor" não interessa ao País; ele não interessa à necessária estabilidade econômica e política do País. Se nós somos capazes de fazer uma Olimpíada, se nós somos capazes de fazer uma Paralimpíada, nós somos capazes de fazer, também, o nosso País voltar a crescer.

Para isso um elemento é fundamental: o elemento da convergência, o elemento do diálogo e o elemento da parceria,. Daí porque eu digo que esse é um momento especial, é um símbolo e um exemplo para o Brasil do que é possível fazer quando pessoas de bem se unem em prol do bem do povo brasileiro.

Muito Obrigada.

# **08-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Cerimônia de entrega de unidades habitacionais no Rio de Janeiro/RJ e entregas simultâneas em Balsas/MA, em Canaã dos Carajás/PA, em Tailândia/PA, em Jaciara/MT e em Belo Horizonte/MG - Rio de Janeiro/RJ**

## **Rio de Janeiro/RJ, 08 de abril de 2016**

Boa tarde.

Eu cumprimento a Maria do Socorro, e, em nome da Maria do Socorro, eu cumprimento cada uma das famílias aqui que recebem hoje a chave da sua casa própria.

Queria abraçar cada uma das mulheres, dos homens, das crianças, enfim, das famílias, dos moradores dos residenciais Mykonos e Santorini. Parabéns para vocês.

Quero também cumprimentar aqui os participantes das cerimônias, porque nós estamos fazendo agora um link com o Pará, na cidade de Tailândia, residencial Jardim Primavera.

Cumprimento lá em Tailândia a ministra Tereza Campello e também o prefeito de Tailândia, o Ney da Saúde; cumprimento a Márcia Conceição Celestino, que é a pessoa que, em nome das demais, está recebendo a chave pelas famílias de Tailândia.

Ainda lá no Pará, na cidade de Canaã dos Carajás, cumprimento o ministro Helder Barbalho, chefe da Secretaria de Portos; o prefeito de Canaã de Carajás, Jeová Andrade e a beneficiária Joiza dos Santos Cândido.

Agora nós vamos para Belo Horizonte. Em Belo Horizonte, eu cumprimento, no residencial Pinheiros, o ministro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Agrário; o prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda e a beneficiária, aquela que está recebendo a chave em nome de todas as famílias, a Vanessa da Silveira Moreira. Um abraço, Vanessa.

Agora nós vamos para o Maranhão, lá para a cidade de Balsas. Lá está o ministro Aldo Rebelo, da Defesa; o prefeito de Balsas, Luiz Rocha Filho, e a beneficiária Maria Joelma de Souza.

Cumprimento agora, lá no Mato Grosso, em Jaciara, na cidade de Jaciara, no Residencial Aeroporto II, o ministro Gilberto Kassab, ministro das Cidades. Cumprimento o vice-governador do Mato Grosso, Carlos Fávaro, o prefeito de Jaciara, Denias Gaspar de Lima, e a beneficiária, a Maricélia dos Santos, que recebe a chave em nome de todas as famílias.

Agora nós voltamos para cá, aqui para o Rio de Janeiro, para o Residencial Mikonos e Santorini. Quero cumprimentar, aqui, o nosso governador em exercício, meu querido Francisco Dornelles.

Quero cumprimentar, ainda, o ministro Celso Pansera, da Ciência, Tecnologia e Inovação,

Cumprimentar a presidente da Caixa, Miriam Belchior,

Cumprimentar o vice-prefeito do Rio de Janeiro, Adilson Pires,

Cumprimentar o Marcos Alexandre Barbosa, diretor comercial da Construtora Novolar S/A,

Gostaria de cumprimentar também o Sebastião Luiz da Silva. O Sebastião -levanta, Sebastião -, o Sebastião é o primeiro morador de rua aqui, no Rio de Janeiro, a ser beneficiado pelo Programa Minha Casa Minha Vida. Umas palmas para o Sebastião.

Queria cumprimentar também os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas aqui presentes,

Gente, hoje, só para vocês terem uma ideia, 4.452 famílias estão aqui conosco recebendo a chave da casa própria. São brasileiras e brasileiros aqui do Rio de Janeiro, aqui do Residencial Santorini e Mikonos, mas também lá de Balsas, no Maranhão; de duas cidades do Pará, Canaã dos Carajás e Tailândia; de Jaciara, no Mato Grosso e de Belo Horizonte, Minas Gerais. No total, são 4.452 famílias que, neste link, nesta cerimônia, recebem a chave da sua casa própria. A gente sabe que ter a sua casa própria é uma mudança de vida, uma mudança muito boa para todas as famílias que passam a ter um lar seu. Não é mais um aluguel, nem é morar de favor em casa de parentes, e muito menos em moradias precárias em áreas de risco.

Agora, não. Agora é cada um morando na sua casa. Sem dúvida nenhuma é um ganho para essas famílias, porque uma casa, um lar, é mais do que o cimento, do que o concreto, do que o azulejo, do que o piso. Uma casa é o lugar onde a gente cria os filhos, onde a gente recebe os amigos, onde a gente passa uma parte importante da vida da gente e é onde a gente desenvolve os laços afetivos, as relações afetivas.

E por isso também é bom que essa casa seja uma casa confortável, uma casa que tenha um acabamento adequado, que seja uma casa digna de se morar. E eu tenho certeza que vocês aqui hoje estão recebendo uma casa de qualidade. Eu visitei uma e vi a alegria no rosto da Maria do Socorro, das crianças, da Gabriele, da Emanuele, que receberam aqui no palco as chaves.

E eu queria dizer para vocês que nós fizemos uma escolha quando construímos o programa Minha Casa Minha Vida, lá atrás, ainda durante o governo Lula. Foi bem no finalzinho do governo, em 2009, que nós começamos esse programa Minha Casa Minha Vida. O que é que nós pensávamos? Nós pensávamos o seguinte: tudo o que uma família quer é ter uma casa própria. Se você perguntar para qualquer família no Brasil, de qualquer classe social, a primeira coisa que vem à cabeça de uma família é: "eu quero minha casa própria". E aí, se a prestação de uma casa própria não cabia no bolso da pessoa, como é que ela ia comprar?

Se a gente deixasse só entregue ao mercado, aos bancos, para financiar, ninguém teria acesso à casa própria. Então, o que nós resolvemos? Nós resolvemos usar o dinheiro dos impostos e completar com eles a renda das famílias para garantir que as famílias tenham acesso à sua casa própria. Não pode pegar e gastar toda a renda porque, senão, como é que vai comer? Como é que vai botar os filhos no colégio? Como é que vai pagar uma passagem de ônibus? Enfim, como é que vai pagar a sua vestimenta, a vestimenta da família? Então, a prestação da casa própria tinha de caber no bolso das famílias. E de quem? De quem precisava, das famílias que mais precisavam. Era justamente aquela família que a gente tinha de beneficiar. E é isso que nós fizemos.

Mas tem ainda uma outra coisa: quando você constrói moradias para as pessoas, você também cria empregos, você mexe a roda da economia, você faz com que os empresários contratem trabalhadores e você cria, então, mais empregos também. Então, o Programa Minha Casa Minha Vida tem dois fatores que devem ser elogiados. Primeiro, garante a casa própria para as pessoas e famílias que mais precisam. Segundo, também é uma fonte de emprego, uma fonte de emprego importante na construção civil.

Daí porque eu fico muito feliz de estar aqui hoje com essas 4.452 famílias. E qual é a boa notícia? Vamos ver o que nós já entregamos até hoje? Vamos ver. Nós já entregamos, como nós estamos fazendo aqui hoje, nós já entregamos 2,63 milhões de chaves para 630 mil famílias [2,63 milhões de famílias], essa é uma boa notícia, já entregamos. Mas a melhor notícia ainda é que faltam entregar ainda mais 1,5 milhão moradias, chaves, para novas

famílias. Essas 1.500 [1,5 milhão] estou arredondando para baixo, é 1.500 e poucas [1,5 milhão], mas 1.500 [1,5 milhão] para vocês guardarem, essas estão em construção contratadas em perfeitas condições.

Por isso, nós, quase toda semana, entregamos, como nessa cerimônia aqui, em link porque não dá para estar em todos os lugares ao mesmo tempo, chaves para as famílias, que, como vocês, tiveram acesso a sua casa própria. Mas aí você poderiam falar para mim: “e aí, parou? Acabou?”. Não, não acabou. Ainda mais 2 milhões serão feitas até o final de 2018.

Com isso, vocês podem ter certeza que nós estamos fazendo o maior programa habitacional proporcionalmente à população, do mundo. Você pode até ter na China um número maior, mas também lá a população é maior. Aqui, nós chegaremos ao final de 2018 com mais de 6 milhões de moradias construídas pelo Programa Minha Casa Minha Vida. No Brasil, desde que Pedro Álvares Cabral chegou aqui, nunca houve um programa dessas dimensões.

E eu quero dizer para vocês que nada nesse mundo vai fazer com que a gente pare esse programa. Não há hipótese de nenhuma dificuldade financeira, nenhuma dificuldade pela qual o País passa, interromper esse programa. Nós temos os recursos reservados para o Minha Casa Minha Vida, mas, sobretudo, nós temos o compromisso com esse povo aqui de jamais interromper esse programa.

Eu queria dizer para vocês, aproveitando esse refrão “não vai ter golpe, vai ter luta”, que o governo está fazendo um grande esforço. Primeiro, para não parar esses programas sociais tão importantes. Mas também nós queremos que a inflação continue caindo, nós queremos que os empregos voltem a crescer, que o Brasil volte a crescer. Para isso, é muito importante que as pessoas, algumas pessoas, têm de parar de torcer para o “quanto pior, melhor”. O que é torcer para o “quanto pior, melhor”? É aquele vizinho da gente que sempre bota olho gordo e quer que as coisas não deem certo. Vocês conhecem gente assim. São pessoas que querem pescar em águas turvas. O que é pescar em águas turvas? Se piorar, as pessoas acham que podem facilitar a vida delas e chegar ao poder, não através do voto, mas através de um golpe.

Dizem que o impeachment está na Constituição. É verdade, o impeachment está na Constituição. Está lá escrito que é possível fazer o impeachment do presidente. Agora, esquecem de completar: desde que o presidente tenha cometido crime de responsabilidade. Qual é o problema? O problema é que eu não cometi nenhum crime de responsabilidade. Por isso é que o pessoal aqui da frente grita: “não vai ter golpe”. Não vai ter golpe porque isso seria uma afronta à nossa democracia.

Além disso, quem pretende interromper o meu mandato é justamente aquele tipo de projeto que considera um erro do governo federal colocar recursos para fazer um programa como o Minha Casa Minha Vida. Nós não concordamos com esse tipo de posição, nós continuaremos a fazer programas que beneficiem o nosso povo. Por quê? Eu fui eleita para governar para 204 milhões. Estou fazendo um programa para vocês. Aí, pode vir uma pessoa e falar: “mas eles não são os 204 milhões”. E eu vou explicar para vocês que vocês são os 204 milhões. Por quê? Fazer um programa como esse, o Minha Casa Minha Vida, beneficia, eu falei para vocês: até o final do meu governo vai beneficiar 6 milhões de famílias. Multiplicando, por baixo, por quatro, daria 24 milhões de pessoas, o que é muito. Um programa de moradia beneficiar 24 milhões de pessoas é muito. Mas aí, é só 24 milhões? Não é não. Porque essas famílias beneficiadas, elas terão uma vida melhor, seus filhos terão mais oportunidades. Com isso, todo o Brasil se beneficia, todo o Brasil cresce quando sua população tem melhores condições de vida. Todo o Brasil.

Não se pode ter visão egoísta. A visão egoísta só vê a árvore, não vê a floresta. O que é a floresta? A floresta é o seguinte - o que é a maior riqueza do Brasil? Aqui nós estamos em um estado que tem grandes riquezas. Aqui tem petróleo, tem minério, tem indústria, mas a maior riqueza do Brasil é ter 204 milhões de habitantes. É ter a possibilidade de esses 204 milhões consumam, gastem, coloquem seus filhos na escola e agora formem essas crianças, formem esses jovens.

Eu não sei se vocês sabem que por conta dos programas que nós fizemos para ampliar o acesso das pessoas, principalmente das pessoas mais pobres do nosso País, à universidade, esse ano, quando a gente foi olhar, o final de contas, quantas, qual o percentual dessas meninas e desses meninos que se formaram na universidade que são os primeiros a terem uma universidade nas suas famílias? Sabe quantos? Trinta e cinco por cento eram os primeiros da família a terem um curso universitário. O que nós queremos? Nós, que saímos de um valor mínimo no Brasil, queremos que 100% das famílias possam ter um formando na universidade. Isso é bom só para aquela família? Não, isso é bom para o Brasil. Aumenta a produtividade, melhora o País, faz com que o país seja um país desenvolvido. Um país é um país desenvolvido quando a sua população é desenvolvida.

Se a gente fizer hoje uma pesquisa e perguntar “qual é uma das políticas que você mais deseja?” Vão falar: “segurança pública”. Segurança pública implica também em moradia decente. O Programa Minha Casa Minha Vida dá segurança para essas famílias morarem aqui, criarem aqui um ambiente de paz, um ambiente de tranquilidade.

Por isso, eu quero dizer para vocês que eu fico muito feliz de estar aqui hoje com vocês, com as famílias, as mais de mil famílias aqui, e as 4.452 famílias que estão nos assistindo.

E quero dizer uma coisa para vocês. O meu governo é um governo que tem um compromisso, e esse compromisso é um compromisso do qual nós não arredamos pé. Com o quê? Com a igualdade de oportunidades. Cada um de nós é diferente: eu sou de um jeito, ela é de outro, o senhor ali é do outro, cada um de nós. Nós não seremos nunca iguais. Agora, as nossas oportunidades tem de ser iguais. Não existe motivo para que cada brasileiro, cada brasileira não tenham a mesma oportunidade na vida. Não existe motivo para que as famílias não possam criar seus filhos e fazer com que seus filhos tenham oportunidade de estudar, de ter saúde, de ter educação decente. Daí porque um dos passos fundamentais é a casa própria.

Cumprimento a cada uma e a cada um de vocês. Quero dar um grande abraço a todos aqueles que hoje passam a ter a chave a sua casa, vão abrir a porta e entrem com a certeza que essa casa é sua, porque os impostos vocês pagam. Ninguém aqui está fazendo nenhum, mas nenhum, nenhum milagre, nem nenhum benefício indevido. Isso é devido ao povo deste País, são os impostos que vocês pagam. Um grande abraço. Um beijo em cada uma e cada um.

Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-no-rio-de-janeiro-rj-e-entregas-simultaneas-em-balsas-ma-em-canaa-dos-carajas-pa-em-tailandia-pa-em-jaciara-mt-e-em-belo-horizonte-mg-rio-de\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-no-rio-de-janeiro-rj-e-entregas-simultaneas-em-balsas-ma-em-canaa-dos-carajas-pa-em-tailandia-pa-em-jaciara-mt-e-em-belo-horizonte-mg-rio-de), (24min24s) da presidenta Dilma.



# 12-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Encontro da Educação pela Democracia - Palácio do Planalto

**Palácio do Planalto, 12 de abril de 2016**

É recíproco. Eu vou começar falando uma frase que está aqui sendo mostrada para mim, e que eu acredito que ela é muito importante: “este não será o País do ódio”. Definitivamente, este não será o País do ódio. Por isso, eu quero dizer para vocês que nós estamos aqui para que este não se torne o País do ódio e que não se construa o ódio como uma forma de fazer política no nosso País. O ódio, a ameaça, a perseguição de pessoas, de fato, este não é o País do ódio. Isso não cabe no nosso País.

Mas eu queria cumprimentar, começar, primeiro, agradecendo a presença aqui de todos vocês. E aí, rapidamente, agradecendo a todos aqueles que estão aqui hoje para defender a democracia no nosso País.

Começo cumprimentando os ministros: Mercadante, da Educação; Celso Pansera, da Ciência e Tecnologia. Em nome deles, cumprimento todos os ministros aqui presentes,

Dirijo também um cumprimento às senadoras Angela Portela e Fátima Bezerra,

Aos deputados federais que foram aqui saudados pelo ministro Mercadante, também dirijo meu cumprimento,

Queria fazer uma saudação especial aos representantes aqui que fizeram uso da palavra e que trouxeram a sua solidariedade: a Madalena Guasco Peixoto, coordenadora-geral da Conferência Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino, a CONTEE; o Roberto Leão, presidente da CNTE, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação; o Heleno Araújo Filho, coordenador do Fórum Nacional de Educação; Daniel Cara, coordenador da Campanha Nacional pelo Direito em Educação; a Tamara Naiz, presidente da Associação Nacional de Pós-Graduando (ANPG); a Carina Vitral, presidente da União Nacional dos Estudantes, da nossa querida UNE; o professor Marcelo Bender Machado, presidente da Conif, o Conselho Nacional de Instituições da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica; a professora Maria Lúcia Cavalli Neder, presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, a ANDIFES; o professor Demerval Saviani, filósofo e pedagogo; ao nosso querido cientista Rogério Cerqueira Leite.

Dirijo um cumprimento especial, mas especialíssimo, à Suzane da Silva. A Suzane da Silva, que escreveu que: “A casa grande surta quando a senzala vira médica”. Quero dizer à Suzane da Silva, que fez seu curso na escola Santa Marcelina, em Belo Horizonte... São Paulo, que fez a escola de medicina pelo ProUni. Quero dizer que ela é um orgulho para todos aqui presentes, para nós do governo porque vemos no ProUni uma das formas de democratizar o acesso à educação.

Para todos os professores, para aqueles que lutaram, que lutam e que lutarão contra a desigualdade racial, por nós todos que lutamos pelas cotas e pela política afirmativa na área de educação, ela é um orgulho por todos nós e, sobretudo, ela tem de ser vista como um orgulho para a sociedade e para o povo brasileiro porque significa muito para o nosso País que isso venha acontecendo. Nós lamentamos que demorou muito a acontecer, mas nós temos certeza que lutaremos para que continue acontecendo. Por isso, Suzane, receba aqui a certeza que você vai entrar em todos os lugares que você quiser entrar.

Por intermédio de todos os representantes aqui mencionados, eu cumprimento os estudantes, os dirigentes das instituições de ensino, os trabalhadores da área de educação que estão aqui presentes,

Cumprimento também todos os que me entregaram seus manifestos, na pessoa da professora Flavia Birolli, dos professores em defesa da democracia,

Cumprimento os senhores jornalistas, fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Senhoras e senhores, meus queridos amigos da educação aqui presentes, meus queridos professores, alunos, dirigentes,

Nós estamos vivendo nestes dias momentos muito decisivos para a democracia no nosso País. Os próximos dias vão mostrar com clareza quem honra e respeita a democracia que nós conquistamos com grandes lutas, e quem não se importa em destruir o regime democrático por meio da ilegítima destituição de uma presidenta eleita com 54 milhões de votos pelo povo brasileiro.

Quero dizer a vocês que me comove muito, que me alegra muito, mas, sobretudo, me dá força estar hoje com vocês para, juntos, tomarmos uma posição clara em defesa da democracia, da legalidade, do Estado Democrático de Direito e da educação. Estamos aqui para denunciar um golpe. Estamos juntos aqui para barrar com nossa posição enérgica uma tentativa de golpe contra a República, a democracia e o voto popular. Uma tentativa de golpe que também é contra as universidades públicas, contra a educação pública gratuita, contra os programas que tornam acessível a universidade privadas a todos aqueles que pleiteiam.

Vou repetir o que disse aqui mesmo, que disse aqui em momentos anteriores, aliás, aqui, eu tive um momento especial, um momento em que eu denunciei a farsa que era dizer que impeachment estava previsto na Constituição e de onde ele não era golpe. Como se estando previsto na Constituição qualquer impeachment é legítimo. Não é não. Vou repetir o que eu disse aqui: impeachment ilegítimo, sem base na legal, sem crime de responsabilidade, é golpe, sim!

Um golpe não é só contra mim, é também contra mim, mas não é, sobretudo, contra mim. É, sobretudo, contra o projeto que eu represento. Essa é a característica mais evidente desse golpe. É contra tudo aquilo que, nos últimos 13 anos, o meu governo e o governo do presidente Lula têm feito com o apoio do povo e com o trabalho incansável dos movimentos sociais e de todos os brasileiros e brasileiras que queriam ver um Brasil maior, mais forte e mais igual em suas oportunidades. O golpe é contra as conquistas da população, e contra o protagonismo assumido pelo povo brasileiro nesses 13 anos. O golpe é contra, é contra o fato que as pessoas, as Suzanas, começaram a andar de avião, sim. As Suzanas passaram a cursar a universidade e, o cúmulo do absurdo, as Suzanas entraram no Palácio do Planalto.

O protagonismo assumido pelo povo brasileiro foi exercido em várias atividades, mas algumas coisas caracterizam esse protagonismo. Primeiro, o acesso à renda, à empregos, à inclusão social, à redução das desigualdades. Mas tem uma característica que é fundamental, que é o acesso, que é a democratização do acesso à educação no nosso País, especialmente à educação universitária. Mas também a todos os níveis de educação, como nós dissemos, da creche à pós-graduação.

Vocês sabem disso, pois vocês vivem, e vocês estão vivendo em seu cotidiano, e sabem que a educação é eminentemente transformadora. Educação para todos, mulheres, homens, negros, brancos, pobres e ricos, cidadãos de todas as regiões.

Educação, que é parte intrínseca da construção de uma nação democrática. O efetivo direito à educação transforma as pessoas, - nós sabemos disso, nós vemos isso, nós vivemos isso - reorganiza a sociedade e muda o país. Para alguns, isso é muito ameaçador. Para nós, é a necessária semente de um Brasil de oportunidades para todos.

Por isso, nos últimos 13 anos, nós demos prioridade aos investimentos em educação. Lembro alguns resultados dessa escolha, e sabe por que lembro? Porque muitas vezes nós não conseguimos vê-los na imprensa. Nós criamos, sim, 18 universidades e 173 campus

universitários; implantamos 422 novas escolas técnicas federais; contratamos 49 mil professores por concurso para fazer frente à expansão e interiorização dessa rede federal; 4 milhões de jovens entram nas universidades privadas graças ao ProUni e ao Fies. Com o Pronatec, 9,5 milhões mulheres e homens, jovens e trabalhadores fizeram curso de formação profissional e serão mais 2 milhões esse ano. Aprovamos o Fundeb e o Plano Nacional de Educação, apoiamos estados e municípios na expansão da rede de creches e pré-escolas, na garantia do transporte escolar e na implantação do ensino em tempo integral. Esse são alguns exemplos dos investimentos em educação que cito para mostrar que estamos dando consistência ao conceito de Pátria Educadora.

Pátria Educadora é educação para todos, é acesso democrático à educação, não só nas capitais, não só nos estados mais ricos, não só para aqueles que tem maior renda. Pátria Educadora é dar à universidade e à escola brasileira a cara e as cores do nosso povo - negros, índios, brancos, originários da escola pública. Pela primeira vez em nossa história, jovens pobres estão entrando nas universidades públicas e nas particulares, estão ganhando bolsas no exterior. E é bom que se diga, para quebrar o preconceito de muitos e se dando muito bem e mostrando muita competência.

As crianças e os jovens de famílias beneficiárias do Bolsa família estão estudando mais e com desempenho escolar cada vez melhor. Tem um número que eu acredito que, ao mesmo tempo, é uma alegria, mas mostra ainda o tamanho do nosso desafio. Hoje, 35% daqueles que concluem os cursos universitários são os primeiros em suas famílias a chegar a um curso superior e se formar. Trinta e cinco por cento. Pela primeira vez na história do nosso País, mas ainda é pouco. Repito: para nós, educação é uma maneira de transformar vidas, de promover igualdade, igualdade de oportunidades, de aumentar salários, de aumentar renda, e ampliar e melhorar a nossa economia.

Nós fizemos muito, e também, no caso da educação, vale nosso lema, isso que fizemos é só um começo. Há ainda muito a fazer e a continuação desse projeto depende do respeito à soberania do voto popular, depende do respeito à democracia.

Por isso, eu queria fazer aqui uma reflexão com vocês sobre o que tem acontecido nos últimos dias, verdadeiramente nas últimas horas. Nós vivemos tempos estranhos e preocupantes, tempos de golpe, de farsa e de traição.

Ontem, utilizaram a farsa do vazamento para difundir a ordem unida da conspiração. Agora conspiram abertamente, à luz do dia, para desestabilizar uma presidenta legitimamente eleita. Ao longo da semana, acusaram-me de usar expedientes escusos para recompor a base de apoio do meu governo, me julgando pelo seu espelho, pois são eles que usam tais métodos. Caluniam enquanto leiloam posições no gabinete do golpe, no governo dos sem-voto. Ontem ficou claro que existem, sim, dois chefes do golpe, que agem em conjunto e de forma premeditada.

Como muito brasileiros, tomei conhecimento e confesso que fiquei chocada com a desfaçatez da farsa do vazamento, que foi deliberado, premeditado, vazando para eles mesmos; estranho vazamento. Vazando para eles mesmos, tentaram disfarçar o que era um anúncio de posse antecipada, subestimando a inteligência dos brasileiros e das brasileiras. Até nisso são golpistas, sem respeito pela democracia, porque eu estou no pleno exercício de minha função de presidenta da República.

Vamos raciocinar, vejam só: antes sequer da votação do inconsistente pedido de impeachment, foi distribuído um pronunciamento em que um dos chefes da conspiração assume a condição de presidente da República. A pergunta que caberia para qualquer órgão de imprensa imparcial seria: de que base legal retirou a legitimidade e legalidade de seu gesto? Por que esta pergunta não é feita? Na verdade, explicitou-se, com essa atitude, o desapareço que se tem pelo Estado democrático de direito e por nossa Constituição.

Atropelam-se os ritos em curso no Congresso Nacional, em clara demonstração de desrespeito pelo Legislativo. O gesto que revela a traição a mim e à democracia ainda explícita que esse chefe conspirador também não tem compromissos com o povo. Diz que é capaz de anunciar que está pensando em manter as conquistas sociais dos últimos anos.

Pensando. Como se conquistas sociais se pensa se vai ou não manter. E avisa que será obrigado a impor sacrifícios à população. Pergunto eu: com que legitimidade fará isso? É uma atitude de arrogância e desprezo pelo povo, do qual certamente tentará retirar direitos, que sem o golpe seriam inalienáveis.

Se ainda havia alguma dúvida sobre o golpe, a farsa e a traição em curso, não há mais. Se havia alguma dúvida sobre a minha denúncia de que há um golpe de Estado em andamento, não pode haver mais. Os golpistas podem ter chefe e vice-chefe assumidos; não sei direito qual é o chefe, qual é o vice-chefe. Um deles é a mão, não tão invisível assim, que conduz com desvio de poder e abusos inimagináveis o processo de impeachment; o outro esfrega as mãos e ensaia a farsa do vazamento de um pretense discurso de posse. Cai a máscara dos conspiradores. O Brasil e a democracia não merecem tamanha farsa. O fato é que os golpistas que se arrogam à condição de chefe e vice-chefe do gabinete do golpe estão tentando montar uma fraude para interromper, no Congresso, o mandato que me foi conferido pelos brasileiros. Na verdade, trata-se da maior fraude jurídica e política de nossa história. Sem ela, o impeachment sequer seria votado.

O relatório da comissão de impeachment é instrumento dessa fraude. O relatório é tão frágil, tão sem fundamento, que chega a confessar que não há indícios, não há provas suficientes, daquelas que eles chamam de irregularidades e que tentam me atribuir. Pretendem derrubar, sem provas e sem justificativa jurídica, uma presidenta eleita com mais de 54 milhões de votos. O que é muito importante e que eu queria destacar aqui para vocês: pretendem rasgar os votos desses 54 milhões de eleitores. Mas não apenas deles, rasgar, também, os votos daqueles que votaram em mim, mas também dos que não votaram. Porque todos que participam - e participaram do processo eleitoral - respeitaram a democracia representativa, por isso saíram de suas casas e foram votar no dia da eleição, por duas vezes, no primeiro e no segundo turno.

O impeachment sem crime de responsabilidade; o impeachment sem provas, cometido contra uma presidente legitimamente eleita na jovem democracia brasileira, abrirá caminho para governos sem votos, formados à revelia da manifestação do eleitor. O impeachment, sem crime, será um golpe de Estado, no exato e lamentável sentido da expressão: golpe de Estado. A quem interessa usurpar do povo brasileiro o sagrado direito de escolher quem o governa? Como acreditar em um pacto de salvação ou de unidade nacional sem sequer uma gota de legitimidade democrática por quem propõe? Como acreditar que haverá sustentação para tal aventura? Com farsas, fraudes e sem legitimidade ninguém pacifica, ninguém concilia, ninguém constrói unidade para superação de crises, só as agrava e as aprofunda.

Queridos amigos e amigas aqui presentes,

Eu agradeço imensamente a solidariedade de vocês. Agradeço, ainda mais, o apoio à democracia e à legalidade. Peço que vocês, que todos nós e o povo brasileiro, estejamos atentos e vigilantes nos próximos dias. Os golpistas tentarão de tudo: tentarão nos intimidar, tentarão nos tirar das ruas, usarão todos os artifícios possíveis. É possível novos vazamentos ilegais e facciosos; eles podem acontecer. É possível novas acusações sem provas, que serão feitas e amplificadas por manchetes escandalosas. Muito possivelmente sofrerei novas calúnias e novos ataques desesperados. Fiquem atentos, mantenham-se unidos, não aceitem provocações. Nós não somos do ódio; nós somos da paz.

Não se deixem enganar por nenhuma manobra: manobras mentirosas, manobras de última hora. Sempre atuem com calma e com paz.. Nós não somos violentos, nós não perseguimos pessoas, nós não divergimos dos nossos adversários com gestos de claro ódio. Nós acreditamos na consciência das pessoas. A verdade haverá de prevalecer. O impeachment não vai passar. O golpe será derrotado.

Em defesa da democracia, milhões de brasileiras e brasileiros estão se mobilizando por todo o nosso País, movidos por uma força extraordinária, múltiplas de sons e de lideranças. Ontem mesmo nós vimos isso no Rio de Janeiro.

Como cantou, ontem, Beth Carvalho, no ato dos artistas, afirmando que não vai ter golpe de novo, ela disse:

*“Sem dividir o coração, vamos honrar nossa raiz*

*Democracia é o que a gente sempre quis”*



Muito obrigada pela presença de vocês.

# **13-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante assinatura de renovação de contrato de arrendamento entre a Secretaria Especial de Portos e o Terminal de Contêineres de Paranaguá - Brasília/DF**

**Palácio do Planalto-DF, 13 de abril de 2016**

Eu queria cumprimentar a todos aqui presentes,

Cumprimentar o ministro de Estado Helder Barbalho, da Secretaria de Portos; o ministro Nelson Barbosa, da Fazenda; ministro Antônio Carlos Rodrigues, dos Transportes; ministro Armando Monteiro, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Cumprimentar a minha querida embaixadora do México, Beatriz Paredes,

Cumprimentar a senadora Gleisi Hoffmann,

Cumprimentar o senhor secretário da Receita Federal, Jorge Rachid,

Cumprimentar o senhor Fernando Fonseca, diretor-geral substituto da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ),

Cumprimentar o senhor Luiz Antônio Rodrigues Alves Filho, diretor-presidente do Terminal de Contêineres de Paranaguá (TCP), por meio de quem eu cumprimento os diretores, os acionistas e os parceiros da empresa.

Cumprimentar o senhor Lourenço Fregonesi, diretor-presidente, em exercício, da administração dos Portos de Paranaguá e Antonina,

Senhoras e senhores empresários presentes, presidentes de federações sindicais: Eduardo Guterra, da Federação Nacional dos Portuários; Wilton Barreto, da Federação Nacional dos Estivadores; Mário Teixeira, da Federação Nacional dos Trabalhadores Avulsos,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Em junho de 2013, eu sancionei um novo marco regulatório dos portos, e queria, aqui, cumprimentar a senadora Gleisi Hoffmann, que, na oportunidade, era ministra-chefe da Casa Civil, e foi uma pessoa determinante na aprovação desse novo marco regulatório do setor portuário. O nosso propósito era acelerar os investimentos e ampliar a eficiência da nossa de infraestrutura portuária. Tanto rodovias como ferrovias, enfim, toda a carga industrial e agrícola tem nos portos um dos seus destinos prioritários. Com esse novo marco, nós assumimos que a parceria com o setor privado era fundamental, como é fundamental, para manter e ampliar os investimentos, modernizando nossos portos. Sejam nos portos já concedidos, nos chamados portos públicos, seja nos terminais de uso privado que a nova lei e o novo marco regulatório aprovaram. Para isso, nós trabalhamos para criar um ambiente mais favorável, mais seguro para o investimento, para a atuação dos operadores portuários, tanto nos portos públicos, como eu disse, quanto nos terminais de uso privado.

A renovação antecipada do contrato, nesse processo, ela ganha uma importância fundamental, porque ela permite a previsibilidade e permite a sustentação do investimento. Por isso, a renovação antecipada do contrato de arrendamento do Terminal de Contêineres de Paranaguá é mais um exemplo do sucesso do novo marco regulatório.

Em contrapartida, a renovação do contrato por mais 25 anos, portanto, tendo um horizonte previsível de 25 anos, a partir de 2024, a empresa vai assumir o compromisso de investir R\$ 1,1 bilhão nas instalações do porto, metade dos quais até 2018. Trata-se de uma situação em que todo mundo ganha: ganha a empresa TCP, porque ela vai ter a segurança de um contrato de longo prazo para realizar seus investimentos; ganha o Porto de Paranaguá, pois ele fortalece sua posição como porto estratégico para as exportações do centro-sul do País; ganham as economias, a economia paranaense e a economia brasileira, porque temos nossa competitividade ampliada ao dispor de uma logística de escoamento da produção mais eficiente, mais moderna e, portanto, garantindo mais produtividade sistêmica.

Ganhos como esse se multiplicam pelo Brasil afora, graças aos resultados muito positivos que alcançamos nesses quase três anos de vigência da nova Lei dos Portos. Nós autorizamos 60 Terminais de Uso Privado. Se a gente lembrar que no Brasil o investidor privado, o empresário privado não tinha direito, em tendo necessidade e condições de fazer seu próprio porto, nós percebemos o tamanho dessa conquista: 60 Terminais de Uso Privado. Nós autorizamos entre... aliás, isso, esses 60 terminais de uso privado, foi entre novos terminais e aditivos a autorizações que já haviam. Desse total, 23 já foram construídos. Foram assinados nove contratos de prorrogação antecipada de arrendamentos, e fizemos o arrendamento de três novas áreas no Porto de Santos e ainda, nesse semestre, será realizado o leilão de mais seis áreas para terminais portuários, como disse o ministro, no Pará.

Os investimentos privados em nossa infraestrutura portuária são, sem sombra de dúvida, uma realidade. Ultrapassam, já, os R\$ 24 bilhões desde que foi aprovada a nova Lei dos Portos. Com esses investimentos, nós estamos expandindo e modernizando nossos portos, e superando um dos tão falados gargalos existentes na nossa infraestrutura logística. Muitas melhorias ainda virão, pois há muitas outras oportunidades de investimento nos portos brasileiros previstas nessa segunda etapa do Programa de Investimento em Logística.

Apesar das incertezas do momento atual, nós não deixamos de trabalhar um só minuto. O governo continua trabalhando, continua perseguindo suas metas, continua dando prioridade à infraestrutura do nosso País. Nós temos um cronograma de leilões para 2016 que, sem sombra de dúvidas, nós vamos cumprir, como é o caso dos novos arrendamentos nos portos do Pará ou os quatro aeroportos que vamos conceder à iniciativa privada.

Estamos fazendo parcerias com o setor privado para investir na infraestrutura brasileira visando à geração de crescimento, à geração de desenvolvimento para as regiões e à geração de empregos. Por isso nós devemos saudar esse contrato, que é mais uma peça nesse processo. E deve ficar claro que tudo isso é para que avancemos, cada vez mais, em direção a um Brasil que eu trabalharei todos os dias até o final do meu mandato, em 31 de dezembro de 2018.

É por esse compromisso que estamos lutando sem descanso para superar o golpe na forma de impeachment, sem crime, que estão imputando ao País. Além disso, eu gostaria de dizer para os senhores que eu tenho certeza que brasileiros e brasileiras estarão ao meu lado no dia 15, é nós vamos vencer essa batalha, essa batalha contra o golpe, contra o impeachment sem base legal. E, a partir da próxima semana, com essa página virada, nós vamos iniciar a repactuação das condições para superar a crise e retomar o crescimento, dando continuidade ao que nós estamos fazendo, mas também chamando o País para um grande pacto, para um diálogo nacional de todos os segmentos, não só do segmento político, mas também de empresários, trabalhadores, enfim, de todos aqueles que querem um Brasil melhor.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-assinatura-de-renovacao-de-contrato-de-arrendamento-entre-a-secretaria-especial-de-portos-e-o-terminal-de-containeres-de-paranagua-brasilia-df-9min30s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-assinatura-de-renovacao-de-contrato-de-arrendamento-entre-a-secretaria-especial-de-portos-e-o-terminal-de-containeres-de-paranagua-brasilia-df-9min30s)(9min30s)  
da presidenta Dilma



# 15-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura do decreto que regulamenta a transferência do domínio do estado do Amapá de terras pertencentes à União - Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 15 de abril de 2016

Eu, primeiro, cumprimento, aqui, o nosso governador do Amapá, governador Waldez,

Cumprimento toda a bancada federal do Amapá, tanto de deputados como de senadores, pela luta que tiveram, ao longo desses anos todos. E nós, acredito, chegamos a um acordo, depois de muito, um processo intenso de negociação, de discussão, que envolveu não só o governo, não só as bancadas, mas também envolveu a sociedade civil.

Eu queria dizer que ficam transferidas ao domínio do estado do Amapá as terras arrecadadas e matriculadas em nome da União, discriminadas: Água Branca, no município de Porto Grande e Serra do Navio; Água Fria, em Pedra Branca e Porto Grande; Amapá Grande, em Amapá e Paracuúba; Aporema, em Tartu... - ai, que bonito - Tartarugalzinho e Pracutiba, não Paracuúba; Arapari, Oiapoque; Bela Vista, Calçoene; Carnô, Calçoene; Caciporé, Calçoene e Amapá; Cunani, Calçoene; Jupati e Taobao do Piriri; Macacoari, Macapá e Taobao do Piriri; Matapi, Porto Grande e Pedra Branca, do Amapari; Serra do Navio, em Ferreira Gomes; Matapi e Curiao, Vila Nova, no município de Porto Grande, de Macapá, de Santana, de Ferreira Gomes; Mazagão, no município de Mazagão; Oiapoque, no município de Oiapoque; Reginá, no município de Calçoene, e Rio Pedreira, no município de Ferreira Gomes, Porto Grande, em Macapá; Santa Maria, no município de Mazagão; Tartarugal Grande, no Tartarugalzinho; Ferreira Gomes, Cutias, Macapá, Itaupal do Piririm e Porto Grande; Tartarugalzinho, em Tartarugalzinho, Amapá e Pracuúba ; Tucunaré, em Pracuúba, Tartarugalzinho e Amapá, Uaçá, no Oiapoque e Uruguinha, em Cutias em Amapá.

Quero dizer que todas as questões relacionadas a essas terras, sejam questões relativas a quilombolas, questões relativas a assentamentos, enfim, todas aquelas que impactam populações tradicionais que vivem nessas regiões foram consideradas. E acredito também que é fundamental que a União não seja a proprietária das terras do estado. Porque seria de fato uma contradição a União, e não o estado, deter as terras.

Com isso, eu espero que de fato o último estado da Federação a não ter suas próprias terras passa agora a ser detentor delas. Com isso, eu tenho certeza que esse é um instrumento de maior crescimento para o estado e para sua população.

Eu agradeço aos senhores, porque participaram desse processo, e eu tenho certeza também que nós aqui devemos lembrar também o senador Sarney, que participou também desse processo, e acredito que todos os senadores têm interesse, todos os deputados federais têm interesse, neste que é, talvez, eu diria, a modernização maior para o estado do Amapá, que é ter suas próprias terras.

Parabéns para vocês.

Ouçã a íntegra (04min08s) do discurso  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-assinatura-do-decreto-que-regulamenta-a-transferencia-do-dominio-do-estado-do-amapa-de-terras-pertencentes-a-uniao-brasilia-df-04min08s>) da Presidenta Dilma

# 19-04-2016 - Fala da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante encontro com organizadoras do evento Abraço da Democracia - Mulheres com Dilma - Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 19 de abril de 2016

Eu queria primeiro agradecer a esse grupo de mulheres guerreiras de Águas Claras, que vêm aqui me dar esse abraço. Eu considero esse abraço uma transmissão de força e energia das mulheres deste País. E fico muito feliz, também, de vocês terem trazido aquilo que é algo muito importante, que são os brasileirinhos e as brasileirinhas desse País.

Quero dizer que, sem dúvida nenhuma, nós, hoje, temos uma posição firme, compartilhada, pela democracia. Nós sabemos que a democracia também, para nós, é uma questão de luta contra o preconceito de gênero. E eu quero reconhecer, hoje até reconheci, foi uma pergunta de uma jornalista canadense, que me perguntou se eu acreditava que neste processo todo tinha havido, também, algo... Que tinha a ver com o preconceito pelo fato de eu ser mulher. Acho que tem uma parte significativa disso. Tem um certo tratamento, que é uma tentativa de desvalorizar, de diminuir, de colocar como sendo a mulher uma pessoa que não tem força para resistir à pressão, a mulher como um ser frágil, um ser que cuja fragilidade não está na sua capacidade de sentir, mas cuja sua fragilidade é de caráter, isso é um absurdo, eu me rebelo contra isso. Acho que as mulheres desse País são mulheres fortes, que comprovaram isso ao longo da história e que hoje, mulheres anônimas, que saem de casa, vão trabalhar, criar seus filhos, que lutam todo dia, elas não são frágeis, elas enfrentam dificuldades e nunca desistem.

Então, eu quero dizer para vocês que para mim é uma alegria para o meu coração, porque eu acho que eu sou uma pessoa que estou sendo injustiçada, porque eu sou vítima de um processo que não tem base legal, que não tem fundamento e que eu tenho a legitimidade de 54 milhões de votos. Quem pretende me substituir não tem esses 54 milhões de votos e estão tentando fazer uma eleição indireta travestida de impeachment. E, por isso, eu fico muito feliz de receber cada uma de vocês aqui. Fico muito feliz e peço para a senhora não ficar tão emocionada. Posso sim, onde é que elas estão?

Onde é que elas estão. Eu vou até ali e volto.

Ouçã a íntegra (03min34s) da [fala \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-fala-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-com-organizadoras-do-evento-abracaco-da-democracia-mulheres-com-dilma-palacio-do-planalto-03min34s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-fala-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-com-organizadoras-do-evento-abracaco-da-democracia-mulheres-com-dilma-palacio-do-planalto-03min34s) da Presidenta Dilma Rousseff

# 22-04-2016 - Discurso da presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de Assinatura do Acordo de Paris - Nova Iorque/EUA

**Nova Iorque-EUA , 22 de abril de 2016**

Senhor secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon,

Senhor presidente da França e presidente da COP21, presidente François Hollande,

Senhoras e senhores chefes de Estado e de governo participantes dessa cerimônia de assinatura do Acordo de Paris,

Senhoras e senhores integrantes de delegações,

Senhoras e senhores,

Com imensa honra e emoção, venho a Nova Iorque, hoje, no Dia da Terra, assinar o Acordo de Paris sobre a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima, um acordo universal.

Sua conclusão exitosa, em dezembro de 2015, representou um marco histórico na construção do mundo que queremos: um mundo de desenvolvimento sustentável para todos, com o cumprimento das metas estabelecidas na Agenda 2030. O êxito deve muito à atuação do governo francês, à judiciosa e paciente construção do acordo pelo presidente François Hollande e também ao secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon.

Tenho orgulho do trabalho desenvolvido pelo meu governo e pelo meu país para que, coletivamente, chegássemos a esse acordo. Tenho orgulho de nossa contribuição e da contribuição de todos os países e da sociedade internacional. Agradeço o esforço e o trabalho incansável da equipe de negociadores do Brasil, chefiada pela nossa ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira.

Nós, países participantes, demos respostas firmes e decisivas aos imensos desafios apresentados pela construção de um amplo consenso, consenso necessário para o enfrentamento das mudanças do clima.

Hoje, ao lado de todos os chefes de Estado e de governo aqui presentes, assumo o compromisso de assegurar a pronta entrada em vigor do Acordo no Brasil e mais uma vez saúdo a todos por essa histórica conquista da humanidade.

O caminho que teremos de percorrer agora será ainda mais desafiador: transformar nossas ambiciosas aspirações em resultados concretos. Realizar os compromissos que assumimos irá exigir a ação convergente de todos nós, de todos os nossos países e sociedades, rumo a uma vida e a uma economia menos dependentes de combustíveis fósseis, dedicadas e comprometidas com práticas sustentáveis na sua relação com o meio ambiente.

Países em desenvolvimento, como o Brasil, têm apresentado resultados expressivos na redução das emissões e se comprometeram com metas ainda mais ambiciosas.

O desafio de enfrentar a mudança do clima torna imprescindível o aumento progressivo do nível de ambição dos países desenvolvidos. Exige, de forma contínua, a mobilização de meios de implementação adequados, para que os países em desenvolvimento tenham suporte e sigam contribuindo para os esforços globais de mitigação e adaptação.

É fundamental ampliar o financiamento do combate à mudança do clima para além do compromisso de US\$ 100 bilhões anuais.

É indispensável criar meios de reorientar os fluxos financeiros internacionais de modo permanente para apoiar ações que representem soluções para o problema global e promovam também benefícios de adaptação, saúde pública e desenvolvimento sustentável.

É necessário, ainda, que o setor privado desenvolva um esforço robusto de redução de emissões.

Senhoras e senhores,

Ao reiterar o compromisso do Brasil com os objetivos do Acordo de Paris, quero assegurar que estamos perfeitamente cientes que firmá-lo é apenas o começo. A parte mais fácil.

Meu país está determinado a intensificar ações de mitigação e de adaptação. Anunciei aqui, durante a Cúpula da Agenda de Desenvolvimento 2030, a contribuição brasileira de 37% de redução dos gases de efeito estufa até 2025, assim como a ambição de alcançarmos uma redução de 43% até 2030 – tomando 2005 como ano-base em ambos os casos.

Alcançaremos o desmatamento zero na Amazônia e vamos neutralizar as emissões originárias da supressão legal de vegetação. Nosso desafio é restaurar e reflorestar 12 milhões de hectares de florestas e outros 15 milhões de hectares de pastagens degradadas. Promoveremos também a integração de 5 milhões de hectares na relação lavoura-pecuária e florestas.

Todas as fontes renováveis de energia terão sua participação em nossa matriz energética ampliada até alcançar 45% em 2030.

Continuaremos contando com a contribuição e a participação de todos os setores de nossa sociedade, que estão conscientes da amplitude do desafio, e com a necessidade de deixar este legado às futuras gerações.

Senhoras e senhores,

Meu governo traçou metas ambiciosas e ousadas porque sabe que os riscos associados aos efeitos negativos recaem fortemente sobre as populações vulneráveis de nosso país e do mundo quando nós não tomamos medidas corretas para a contenção da mudança do clima.

Essa preocupação deve ser compartilhada agora e por todos nós. Sem a redução da pobreza e da desigualdade não será possível vencer o combate à mudança do clima. E esse combate tampouco pode ser feito à custa dos que menos têm e menos podem.

Essa é uma das razões pelas quais o conceito de desenvolvimento sustentável precisa ser referência permanente de nosso projeto comum. Incluir, crescer, conservar e proteger: eis a síntese alcançada na Conferência Rio+20, realizada no Brasil em 2012.

Senhoras e senhores,

Não posso terminar minhas palavras sem mencionar o grave momento que vive o Brasil. A despeito disso, quero dizer que o Brasil é um grande país, com uma sociedade que soube vencer o autoritarismo e construir uma pujante democracia. Nosso povo é um povo trabalhador e com grande apreço pela liberdade. Saberá, não tenho dúvidas, impedir quaisquer retrocessos.

Sou grata a todos os líderes que expressaram a mim sua solidariedade.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [\(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-sessao-de-abertura-da-cerimonia-de-assinatura-do-acordo-de-paris-nova-torque-eua-08min41s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-sessao-de-abertura-da-cerimonia-de-assinatura-do-acordo-de-paris-nova-torque-eua-08min41s)(08min41s) da Presidenta Dilma



# **26-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Cerimônia de entrega de unidades habitacionais em Salvador/BA e entregas simultâneas em São Carlos/SP, em Pirassununga/SP, em Caucaia/CE e em Santa Maria/RS - Salvador/BA**

Salvador/BA, 26 de abril de 2016

Bom dia e boa tarde para todas vocês e todos vocês.

Eu queria primeiro dar um abraço, um abraço nas mulheres que me receberam. Então, dou a vocês um grande abraço que vocês me deram, agora quando cheguei.

E queria começar dizendo para vocês que o programa Minha Casa Minha Vida muitas vezes é um programa das mulheres também. Por isso quero cumprimentar as três mães que vieram aqui receber suas chaves: a Patrícia, a Edicleise e a Elisa. E queria contar para vocês uma que coisa eu que presenciei quando eu entreguei a chave na entrada do apartamento para uma das mães. Eu entreguei a chave e ela começou a chorar, e aí um menino bem pequenininho, que devia ter uns 5 anos, falou: “a mãe tá chorando.” E daí eu disse a ele: eu não sei se você sabe, mas mãe chora de alegria. Mãe é uma pessoa que chora de alegria. E, de fato, a mãe dele chorava de alegria pela sua casa própria e por ter um lar onde criar seus filhos.

Eu acho que o que tem de mais comovente em todas as inaugurações do Minha Casa Minha Vida, é essa imensa alegria que a gente sente nos olhos das pessoas. Que a gente sente também, nos olhos das crianças que sabem, mesmo que muito pequenas, que alguma coisa boa está acontecendo com suas famílias, mesmo que elas não tenham ainda o alcance de tudo de bom que vem com a casa própria.

Mas então, eu quero dizer para vocês que é um imenso orgulho para mim, estar aqui na Bahia. A Bahia me deu, a Bahia me deu os votos para me eleger presidenta da República. Foram 54 milhões de votos em todo o Brasil. Mas a Bahia me deu, desses milhões de votos, seguramente uma parte muito grande deles. Então, eu tenho esse carinho, esse agradecimento pela Bahia. Além disso, a Bahia me deu também, naquele domingo, dia 17, através da sua bancada, o maior número de votos por estado da Federação. Então, agradeço também aos 24 deputados federais que tiveram a coragem e a dignidade de votar contra o golpe.

E quero dizer para vocês que nós, hoje, estamos aqui em link com várias outras cidades que ao mesmo tempo estão recebendo a chave da sua casa própria, com várias outras famílias. São 5.293 famílias. Famílias que hoje recebem nesse ato, em várias partes do Brasil, a sua chave da sua casa própria. Aqui em Salvador é que está o maior número 2.800 famílias. Mas nós temos também lá em Pirassununga, São Paulo, no residencial Santa Clara, 385 unidades habitacionais.

E eu queria cumprimentar o Carlos Gabas, secretário-especial da Previdência, que está lá junto com a prefeita Cristina do Lésio e a beneficiária, a senhora que vai receber a chave da casa própria, a Juliana Cristina Narciso.

Queria cumprimentar também ainda em São Paulo, em São Carlos, no Residencial Eduardo Abdelnur, onde são 986 famílias, lá está ministra, Inês Magalhães do Ministério das Cidades, o prefeito de São Carlos, Paulo Altomani e também a senhora Daiane Cristina de Melo.

Queria também falar lá no Rio Grande do Sul, com Santa Maria, Santa Maria no Residencial Leonel Brizola, são 362 moradias. Lá está o ministro Miguel Rosseto, o prefeito César Schimer e a senhora Gisele Nunes Machado, que é a nossa querida beneficiária.

Agora nós voltamos aqui para o nordeste, em Caucaia, Ceará, no Residencial José Lima da Silveira 3, são 760 habitações.

Queria cumprimentar o governador do Ceará, Camilo Santana, o ministro André Figueiredo, das Comunicações, o prefeito de Caucaia, Washington Góis, e a senhora Deivilene Ângelo Gonçalves.

Então gente, Pirassununga, Santa Maria, Caucaia, São Carlos, São Salvador, Bahia, cumprimenta vocês e sempre pede passagem, não é gente?

Queria aqui também cumprimentar com muito carinho nosso combativo, guerreiro, governador Rui Costa. E uma senhora, Aline Peixoto, que também é um exemplo da mulher baiana junto com a minha querida amiga, a minha querida Fatinha;

Cumprimentar o nosso vice- governador que tem no próprio nome a sua força: João Leão;

Cumprimentar o deputado estadual Marcelo Nilo, presidente da Assembleia Legislativa;

Cumprimentar o nosso querido Valdir pires, ex-governador da Bahia e a senhora Jonita Brasil.

Agora, eu queria agradecer a cada um dos deputados federais: Afonso Florence, Alice Portugal, ao Daniel Almeida, ao Jorge Solla, ao José Rocha, ao Mário Negromonte Júnior, a Moema Gramacho, ao Paulo Magalhães, ao Roberto Brito, ao Ronaldo Carletto, ao Sérgio Brito, ao Walmir Assunção.

Mas eu quero também agradecer os deputados que votaram em mim e que não estão aqui hoje, como é o caso, que eu saiba, do Cacá Leão e mais outros: Davidson Magalhães, José Carlos Araújo e o Cacá Leão. Ah esqueceram, mais uma vez do Felix Mendonça Júnior;

Cumprimento também a Miriam Belchior, presidente da Caixa, Fernando Torres e o Caetano,

Oh gente, o Afonso Florence está com a memória um pouco, está cansado. E o Beбето. Pessoal, tem mais alguém que eles esqueceram?

Valdenor Pereira, agora vocês vêm, se não são vocês... Antônio Brito, Zé Nunes, João Carlos Bacelar. Acabou? Oh gente, são 24 para eles uma salva de palmas.

Eu queria também cumprimentar aqui, do Movimento Nacional de Luta pela Moradia, o Ildemar Mota; João Proença, da Frente de luta; a Rita Cássia, do Movimento em Defesa da Moradia e do Trabalho; o Tikão, da Bahia, da Frente de Moradia Popular da Bahia; o Marcelo José Barbosa, do Movimento dos Sem Teto da Bahia; a Anelita Teixeira da Silva, da Federação das Associações de Bairro de Salvador; Zilmar Gomes, da União Nacional de Moradia Popular; Marli Aparecida Carrara, da Coordenação Nacional das Associações de Moradores, CONAM; Maria das Graças Ivonete, do Movimento de Luta Pela Moradia; a Ângela Dias Santos Silva, da Coordenação de Movimentos Populares; o Fernando dos Santos.

Queria também cumprimentar o diretor da construtora Sertenge, responsável pela construção deste residencial, senhor Luiz Fernando de Souza. E, finalmente, eu queria dizer para vocês da grande emoção que todos nós sentimos tanto pelo Hino Nacional, quanto pela canção que o primeiro-sargento, João Carlos e sub-tenente Josué Santana nos brindaram hoje. Para eles meu agradecimento e uma salva de palmas de vocês.

Queria também cumprimentar os fotógrafos, jornalistas e cinegrafistas aqui presentes hoje. Faltou o MST.



Eu queria aproveitar essa inauguração aqui desse residencial Coração de Maria e dizer para vocês algumas coisas. Primeiro eu queria dizer da importância desse programa Minha Casa Minha Vida para uma parte da população brasileira que sempre, mas sempre mesmo, esteve afastada dos benefícios da riqueza.

Esse programa Minha Casa Minha Vida, ele tem algumas características que são muito importantes: Ele é um programa do tamanho do Brasil e ele é um programa do tamanho das necessidades do povo brasileiro que nunca teve um programa habitação da altura da sua necessidade. Eu queria dizer para vocês que no final de 2018, se a gente olhar de cada 8 brasileiros, 1 vai ter sido beneficiário por esse programa, por quê? Vou fazer uma conta para vocês. No último governo do presidente Lula, nós fizemos o Minha Casa Minha Vida 1, foram 1 milhão de moradias. Aí eu virei presidente da República e nós fizemos mais 2,7 milhões de moradias. Totalizou 3,7 milhões moradias. Agora nós estamos já construindo mais 2 milhões de moradias, serão portanto 5,7 milhões moradias.

Em cada uma dessas casas, desses apartamentos, como esse aqui, cada um deles se morar uma família média... Vocês viram que geralmente as famílias têm muitas crianças, mas o cálculo que se faz do Brasil, pelo IBGE é de 4 pessoas e meia por família, porque 4 pessoas e meia, é porque eles fazem uma média. Se for 4 pessoas e meia, multiplicado por 5 milhões e 700 mil, vai dar 25 milhões de pessoas. Vinte e cinco milhões de pessoas serão beneficiadas pelo Minha Casa Minha Vida, por isso eu disse que em cada 8 brasileiros, 1 terá sido beneficiado pelo Minha Casa Minha Vida.

E isso por quê? Porque que isso é importante? Porque se a gente olhar a história do nosso País nós vamos ver que até o dia em que nós resolvemos fazer o programa Minha Casa Minha Vida qualquer família que precisasse de casa, que ganhasse um salário menor ela poderia passar na frente do banco 20 mil vezes que ela não teria como comprar sua casa própria.

Quando nós chegamos ao governo, nós percebemos que era um absurdo que as famílias que mais precisam tivessem ou de morar em área de risco, ou de viver em habitações muito precárias, ou então morar de favor, ou então morar num cantinho, em um terreno e fazer construção que podia ser levada pela enchente, pelas enxurradas ou até comprometer a própria segurança desmoronando em cima delas, como disse o nosso governador.

Então o quê que nós decidimos? Usar o dinheiro que o governo tem para beneficiar aqueles que mais precisam. E só tem um jeito de assegurar que cada pessoa que precisa neste País tenha direito a sua casa própria. Só tem um jeito de assegurar: é o governo entrando com uma parte. E foi isso que nós fizemos. Vocês estarão pagando uma prestação bem menor, mais muito menor, do que ou aluguel que você pagava ou aquilo que você gastava para morar e em algo que nem era seu.

A vantagem do Minha Casa Minha Vida, são inúmeras as vantagens, mas eu acho que a principal vantagem é ter um lugar para criar de forma decente as crianças e os jovens que são o futuro desse País. Por isso, ele chama Minha Casa Minha Vida. Vida é futuro, futuro são as crianças, os filhos e netos de cada uma ou cada um aqui presente, é a família é onde ter o lugar para criar uma família com carinho, com amor e em segurança.

Quando eu vejo aqui esses residenciais, esses edifícios, eu fico orgulhosa. Eles são muito bonitos. E acredito que as pessoas que vão morar aqui vão dar muito valor a esse imóvel que agora é de vocês. Agora, a partir das chaves, vocês vão abrir a porta, entrar e o imóvel é de vocês.

E eu estou falando tudo isso para dizer para vocês o seguinte: um governo deve ser julgado pelo que ele foi capaz, é capaz e será capaz de fazer pelo seu povo. O meu governo ele teve, de fato, uma opção, a opção pelo Minha Casa Minha Vida, por continuar pagando Bolsa Família para quem precisa, por garantir atendimento médico para pessoas que antes não tinham atendimento médico pelo programa Mais Médicos.

Eu estava sentada ao lado do João Leão, e o João Leão me disse: "aqui na Bahia vocês fizeram 550 mil ligações de luz". E eu me lembrei o seguinte: só na Bahia nós fizemos 550 mil ligações de luz. Agora, o governo antes do Lula, durante oito anos, eles fizeram 550 mil

ligações de luz, mas no Brasil todo; foram só 550 mil ligações de luz, esse número que nós fizemos só na Bahia.

Então, uma parte do que eu estou sendo julgada é pelo fato de nós termos optado por construir as condições de vida melhor para nosso povo. Aliás, das coisas que eu tenho mais orgulho são das universidades públicas que nós ampliamos. É o fato da lei de cotas, tanto para universidade quanto para as pessoas afrodescendentes e indígenas, que nunca tiveram essa chance antes. E eu tenho, também, muito orgulho de ter construído, aqui no Nordeste do Brasil, um programa que é a garantia de água, que é a garantia de fornecimento de água para cada uma das famílias que moram no Semiárido, tanto com as cisternas quanto com a interligação. Considerando isso, eu quero entrar nessa questão que todos nós sabemos que é o grande problema hoje do País.

Essa clara tentativa de golpe contra um mandato presidencial legítimo. Por que é legítimo? Porque eles falam que o impeachment é previsto na Constituição. Ah, o impeachment é previsto na Constituição sim, ele é previsto. Só que tem que aí eles não completam o resto da frase. Qual é o resto da frase? É permitido o impeachment quando há crime de responsabilidade. Acontece que eu não cometi nenhum crime de responsabilidade. Por que eu digo isso? Eu digo isso porque insistem em dizer que não é golpe. Ficam, de fato, muito incomodados quando a gente diz é golpe. E é golpe por um motivo: não há crime. Eu nunca recebi dinheiro de propina; eu não tenho contas no exterior; eu não sou acusada de corrupção.

Eles me acusam de algo que vocês já escutaram: pedaladas fiscais. Mas que diabo é isso de pedaladas? O que é isso? Vou tentar explicar para vocês, para vocês perceberem como é absurda a acusação. Nós fazemos transferência de renda: o Minha Casa Minha Vida é um programa de transferência de renda. O que significa isso? Nós pegamos uma parte do orçamento público e transferimos para as pessoas da nossa população que mais precisam, seja Bolsa Família, seja Seguro-desemprego, seja o próprio Minha Casa Minha Vida. Como é que a gente faz isso? Quem paga para nós isso? A Caixa Econômica Federal é um dos bancos que pagam isso. Ótimo. Aí, no início do mês, eu não sei quantas pessoas vão pedir Seguro-desemprego. Então eu estimo: são 100 pessoas. Vou lá, estimei que são 100 pessoas, passo o dinheiro para a Caixa. Se for menos, o dinheiro que eu passei é maior, a Caixa me deve, me paga juros. Se eu paguei, se tem mais pessoas pedindo, e eu paguei menos, eu pago juros para ela. É isso que eu sou acusada. Eu sou acusada de algo praticado no País desde 1994. Essa conta na qual a gente faz, eu pago para a Caixa e ela paga para mim, existe desde 1994. Passou [19]95, [19]96, [19]97, chegamos nós anos 2000, passou 2001, 2002, chegamos no meu governo, 2011, 2012 e 2013, e não era crime. Aí, em 2014, virou crime. Em 2015, virou crime. E isso significa o quê? Dois pesos e duas medidas; significa injustiça. Por isso que eu disse: eu estou sendo vítima de uma grande injustiça.

Além disso, não tem uma acusação que diga que eu peguei dinheiro para mim, porque fica tudo muito nebuloso. Muitas das ações das quais me acusam sequer eu participei, eu fiz o ato, sequer. Então, o que está acontecendo? Como não acharam nenhum outro motivo, como aqueles que me acusam praticaram, como os crimes que eles praticaram - crime de corrupção, do que eles são acusados - eles vão ter de responder. Agora, eles têm acusação; eu não tenho acusação. E o mais estranho é que quem me julga é corrupto.

Essa pessoa, que é o presidente da Câmara, é uma pessoa que todo mundo sabe no Brasil, que tem conta no exterior, é acusado pela Procuradoria-Geral da República. Então, eu queria aqui insistir aqui com vocês nessa questão: nós somos um país que conquistou a democracia com muita luta, com mortes, com torturas, uma luta incansável, para que nós tivéssemos direito à democracia. Ter direito à democracia implica, sobretudo, que nós vivemos num Estado de direito. O que é o Estado democrático de direito? Primeiro: a lei que vale para mim vale para todo mundo. Ninguém está acima da lei; esta é a primeira questão. A segunda questão é que todo o poder vem do voto popular direto. O voto popular direto. Esse impeachment sem crime, esse impeachment que é golpe, na verdade, ele é uma tentativa de fazer uma eleição indireta por aqueles que não têm voto. Porque se eles querem chegar ao poder e não tem crime, só tem um caminho: disputem eleições, vão para a frente do povo e digam o que vocês querem. Por que eles não dizem? Porque o que eles querem é...

Bom, gente, então o que é que eles querem? Eles querem chegar, sentar na minha cadeira, mas sem voto. Esse é que é o problema. É claro que isso é muito confortável. Você não tem que prestar conta para o povo brasileiro. Você não tem que explicar para o povo brasileiro o que é que você vai fazer com os programas sociais. E, agora, a gente sabe que eles têm um programa. O programa deles começa com uma coisa muito grave. Eles dizem assim: "nós vamos revisitar os programas sociais". O que é revisitar os programas sociais? Revisitar os programas sociais é um programa social como o Minha Casa Minha Vida; é diminuir a quantidade de dinheiro que o governo federal coloca no programa para diminuir a prestação da casa própria que vocês pagam. Hoje, vocês pagam entre R\$ 25 a R\$ 50. É aumentar muito essa prestação ou é reduzir muito aquilo que viabiliza dois milhões de moradias. Isso chama-se revisitar programas sociais.

Querem fazer o que, também? Querem desvincular a obrigação do governo em gastar em educação e saúde. Mesmo tendo - e nós estamos passando por dificuldades -, é possível sair dessas dificuldades sem comprometer os programas sociais. É isso que a gente tem de ter claro, foi por isso que nós lutamos todo esse ano. Com todas as dificuldades, nós estamos fazendo mais dois milhões de moradias.

Portanto, eu queria resumir aqui em que pé as coisas estão. Primeiro, nós temos um julgamento de impeachment sem crime de responsabilidade. Eles pensam que o povo é bobo, porque falam assim: "Ah, o impeachment está previsto, não tem nada de ilegal nisso". É verdade, nada de ilegal tem em processos de impeachment, desde que tenha crime de responsabilidade. Sem crime de responsabilidade é golpe sim, do mais descarado golpe. Além de ser um golpe, é uma injustiça. Além de ser um golpe, é uma injustiça contra mim, contra o meu mandato, mas não é contra a minha pessoa apenas, é contra a democracia. É contra os 54 milhões daqueles que votaram em mim. Mas, além dos 54 milhões, é contra os outros também que não votaram em mim, mas saíram de suas casas, acreditaram na eleição e foram lá votar.

Um impeachment sem causa compromete a democracia no nosso país. Um impeachment sem causa é grave porque se eles desrespeitam o meu mandato, qual é o mandato que eles não desrespeitarão? Eles desrespeitarão o mandato do cidadão e da cidadã brasileira.

Quem pode, sem nenhuma consequência, propor ao País, com a cara lavada, um golpe, pode praticar qualquer outro ato. Nós conquistamos a democracia a duras penas. Eu fico muito feliz quando eu vejo e agradeço imensamente toda aquela solidariedade e generosidade de vocês aqui, hoje, mostrando que vocês não se conformam com esse processo, que vocês vão lutar contra esse processo. Ninguém pode se conformar com isso.

Agora, eu quero dizer uma coisa: nós não somos os violentos. Violentos são aqueles que estão contra nós e que fazem toda a sorte de provocação. Nós queremos a paz no nosso País. Nós não hostilizamos as pessoas porque elas pensam diferente de nós. Ao contrário, o que nós queremos é o diálogo, o debate, a relação amigável que sempre foi característica do povo desse País.

Por isso, eu tenho a certeza que nós, juntos, conseguiremos impedir, arrestar, em paralisar, em não deixar caminhar, esse golpe, que é um golpe contra a democracia do nosso País. Mas não é só isso: é um golpe, também, contra tudo que nós construímos nesses 13 anos, contra o Bolsa Família, contra o Minha Casa Minha Vida, contra todas as interiorizações de universidades. Aqui, na Bahia, há seis universidades das quais eu tenho orgulho de ter feito quatro; há seis universidades. Contra o Pronatec, contra o orçamento que tem parte importante destinada à população desse País.

Com isso, eu encerro dizendo a vocês: podem ter certeza, nós sempre seremos vencedores. Por quê? Porque a democracia sempre foi - e será - o lado certo, o lado verdadeiro, o lado correto da história desse País.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-em-salvador-ba-e-entregas-simultaneas-em-sao-carlos-sp-em-pirassununga-sp-em-caucaia-ce-e-em-santa-maria-rs-residencial-coracao-de-maria-salvador\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-de-unidades-habitacionais-em-salvador-ba-e-entregas-simultaneas-em-sao-carlos-sp-em-pirassununga-sp-em-caucaia-ce-e-em-santa-maria-rs-residencial-coracao-de-maria-salvador), (39min36s) da presidenta Dilma.

# **27-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura da Conferência Nacional de Direitos Humanos e encerramento das Conferências Nacionais dos Direitos da Criança e do Adolescente, da Pessoa Idosa, de LGBT e da Pessoa com Deficiência - Centro de Convenções do Brasil - Brasília/DF**

**Centro de Convenções do Brasil – Brasília/DF, 27 de abril de 2016**

Boa tarde!

Primeiro, eu queria agradecer, aqui, a Mariana, porque a Mariana me mandou um desenho muito bonito. Muito obrigada, Mariana. Obrigada, viu, Mariana? Eu também te amo.

Eu queria, também, cumprimentar, aqui, todos os participantes. Eu queria, então, cumprimentar, aqui, todos os participantes da 12ª Conferência de Direitos Humanos e das Conferências Nacionais de Direitos da Criança e do Adolescente, da Pessoa Idosa, do LGBT e da Pessoa com Deficiência. Essas Conferências, para mim, são um momento muito importante da cidadania e da construção da cidadania em nosso País. Por isso, eu queria cumprimentar, aqui, a nossa querida ministra, a Nilma Lino Gomes, ministra das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos.

Cumprimentar o ministro da Justiça, Eugênio Aragão; o ministro da Educação, Aloízio Mercadante; o ministro do Trabalho e da Previdência, Miguel Rossetto; a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; e o ministro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Agrário.

Queria, também, cumprimentar a senadora Fátima Bezerra e o senador Paulo Paim;

Cumprimentar o ex-ministro de Direitos Humanos, são vários ex-ministros: o Paulo Vannuchi, o deputado Nilmário Miranda, a deputada Maria do Rosário, o deputado Pepe Vargas, a querida Ideli Salvatti;

Cumprimentar os deputados federais: Paulo Pimenta, autor do projeto de lei que acaba com aquela barbaridade que são os autos de resistência; o deputado Paulo Pimenta, presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados; e o nosso querido deputado Jean Wyllys, um guerreiro.

Os secretários-especiais: Rogério Sotilli, de Direitos Humanos, e presidente do Conselho Nacional de Direitos Humanos; a nossa querida ex-ministra, atual secretária de Políticas para as Mulheres, Eleonora Menicucci;

Uma saudação muito especial ao Antônio José, secretário nacional das Pessoas com Deficiência;

Cumprimento, também, o Leonardo Sakamoto, ativista de direitos humanos e diretor da ONG Repórteres Brasil;

Quero cumprimentar, agora, as entidades de defesa dos direitos humanos em geral, tanto os presidentes como os vice-presidentes, que estão aqui presentes, hoje. Primeiro, Fábio José Garcia Paes, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, o Conanda; o Luiz Legnani, do Conselho Nacional dos Direitos dos Idosos; o Flávio Henrique de Souza, do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência; a Ivana Farina, do Conselho Nacional de Direitos Humanos; a Roselaine da Silva, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação LGBT;

Quero dirigir um cumprimento especial à Ana Beatriz, à Nádia, ao Paulo Rafael, ao Arlinson, à Vandrielle, à Maria Eduarda e ao Kennedy, que são delegados da Conferência dos Direitos das Crianças, e que estiveram aqui no palco, naquela manifestação calorosa para nós. Então, para eles, uma salva de palmas.

Cumprimento, também, os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu quero dizer para vocês que eu tenho tido um privilégio. Um privilégio de viver alguns momentos muito emocionantes enquanto eu venho exercendo o meu mandato de presidenta da República. Esses momentos, que são emocionantes, eles marcam sempre e indelevelmente, um mandato de um presidente.

E aqui eu quero dizer para vocês que as conferências, todas as conferências que nós realizamos, elas têm um papel muito importante, porque elas colocam diretamente a participação e o diálogo entre vocês e o governo. E a visão, podem ter certeza, a visão daqui é emocionante, sabem por quê? Porque deixa clara a diversidade do nosso país, a riqueza tão diversa do nosso país. E, ao mesmo tempo, mostra que, dentro dessa riqueza imensa, que é a nossa diferença, a nossa diversidade, aqui há uma convivência muito fraterna, uma convivência de irmãos de luta, e irmãs de luta, pelo mesmo objetivo: a luta para a gente fazer algo que o nosso querido secretário de Direitos Humanos falou, uma coisa simples. O que nós fazemos aqui é aperfeiçoar, melhorar a nossa capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. Porque só fazendo isso é que nós construímos, de fato, uma sociedade baseada em valores que preservam a diferença, que não transformam a diferença em intolerância, que não transformam a diferença em uma perseguição fundamentalista qualquer.

Então, aqui, nós temos essa diferença bem expressa, na 10ª Conferência dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes, na 4ª Conferência dos Direitos da Pessoa Idosa, na 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, e na 4ª Conferência Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência.

Quero dizer para vocês que, ao chegar aqui para abrir essa 12ª Conferência de Direitos Humanos, eu quero dizer para vocês que eu me orgulho de vocês e me orgulho do nosso País. Aqui é o espelho fiel da sociedade que nós queremos, eu repito, porque nós temos de repetir isso: a sociedade que nós queremos é tolerante, é plena de respeito às diferenças e à diversidade, e é uma sociedade que respeita todos aqueles capazes de lutar pelos seus direitos e, sobretudo, acredita no Brasil e na democracia do nosso País. Sabe que essa democracia só se constrói em cima dos direitos de todas as pessoas: direitos de gênero, direitos... Todos esses que nós aqui resumimos em um nome só: Direitos Humanos. Nós, aqui, todos, aprendemos por experiência própria que direitos sempre são conquistas e que ninguém ganha nada sem conquista. A luta de vocês é uma luta que implicou em discutir, em fazer pautas, em reivindicar. Todos nós, inclusive essa presidenta da República, só chegou aqui porque lutou, também, a boa luta pela democracia, pelos direitos sociais e pela inclusão.

Nós sabemos que uma democracia, nós todos aqui sabemos que a democracia só é plena quando os direitos humanos são respeitados. E nós sabemos a força dessas conferências. Nos últimos 13 anos essas conferências têm definido a pauta de várias conquistas, várias realizações.

Eu me preparei para esse encontro, e quando eu estava me preparando, eu recebi dos ministros um balanço que dizia o que nós construímos. Como o balanço, se a gente for pegar dos treze anos é muito longo, nós pegamos a partir do meu primeiro mandato. É difícil falar

tudo que nós fazemos, mas vou tentar. Primeiro, eu queria dizer uma coisa: para nós, toda conquista, toda e qualquer conquista, é sempre apenas um começo. Você conquista e depois você tem que continuar conquistando. Então, toda conquista é apenas um começo. Nós sabemos que a luta é uma luta contínua, quando a gente fala de direitos. Eu considero algumas das conquistas, não vou dizer todas, que tocam o meu coração porque eu acho que faz a diferença para o coração e para a vida de muita gente.

Primeiro, eu queria falar do plano Viver sem Limites. Para mim, o plano Viver sem Limites, ele tem, em si, a capacidade de reconhecer a importância para qualquer um de nós, para a nossa sociedade, da inclusão da pessoa com deficiência. Nós devemos celebrar a nova Lei Brasileira de Inclusão e a legislação previdenciária para as pessoas com deficiência. Essa lei impulsiona novos avanços, dentro daquilo que eu falei: a conquista é só o começo. Hoje eu assinei o decreto que cria o Comitê de Governança do Modelo Único de Valorização das Pessoas com Deficiência, e o decreto que cria a Rede Intersetorial de Reabilitação Integral. Nós temos de saber que, para nós, é fundamental seguir em frente.

A proteção aos direitos das crianças e dos adolescentes brasileiros é uma obrigação que nós temos de cumprir. Esse é o futuro do nosso País. Todas as políticas têm de ser feitas considerando as crianças e os adolescentes. Mas eu quero destacar uma delas: eu quero destacar o Plano Nacional de Educação, porque o Plano Nacional de Educação é o caminho de oportunidades que nós queremos abrir para as crianças e para os adolescentes. O Plano Nacional de Educação diz respeito à capacidade do filho do pedreiro virar doutor, da filha da empregada doméstica estudar medicina. Outro dia, uma médica que se formou pelo Prouni disse o seguinte: disse que “quando a senzala vira médica, a casa grande surta.” Ela disse isso em uma reunião que nós tivemos lá no Palácio do Planalto.

O Estatuto da Juventude é outra contribuição para que a gente continue lutando. Nós combatemos o trabalho infantil, a exploração sexual de crianças e adolescentes. Além disso, o Marco Legal da Primeira Infância e o Sistema de Atendimento Socioeducativo.

Eu queria, ainda, destacar que, para fortalecer a luta pela redução da violência contra a juventude - em especial a juventude negra -, contra homens e mulheres, eu enviei ao Congresso Nacional um pedido de urgência constitucional, o projeto de lei dos autos de resistência, que altera o Código de Processo Penal e prevê a investigação das mortes, das lesões corporais cometidas por policiais durante as atividades repressivas. Tenho consciência da importância desse projeto e do fato dele ter sido sistematicamente objeto de uma grande reivindicação por parte, também, do movimento negro. Quero cumprimentar, aqui, o deputado Paulo Teixeira; quero cumprimentá-lo por ter sido o autor desse projeto.

Avançamos, também, em relação à população idosa. Dentro do Minha Casa Minha Vida há, hoje, cota para a população idosa. E promovemos, nacionalmente, todo ano, o programa de imunização. Além disso, temos estruturado o compromisso pelo envelhecimento ativo.

Nosso país também avançou ao reconhecer legalmente os direitos civis de casais do mesmo sexo, ao implantar a Política Nacional de Saúde LGBT e ao redefinir e ampliar o processo transsexualizador no SUS. Nós lutamos contra o preconceito e a violência que se abate sobre a população LGBT. O meu governo vai estar aberto para discutir as deliberações da 3ª Conferência, buscando construir, juntos, políticas de enfrentamento à homofobia.

A 12ª Conferência de Direitos Humanos vai permitir que nós todos aqui façamos um balanço crítico de nossas ações no âmbito do 3ª Programa Nacional de Direitos Humanos. Entre os vários avanços que nós tivemos nessa área, eu quero destacar um deles: a Comissão Nacional da Verdade. Nós temos de destacá-lo porque significa que nós avançamos na compreensão de uma fase da história brasileira que nós não queremos que se repita, que foi a ditadura. Tortura nunca mais. Mas avançamos, também, no combate à tortura, crime bárbaro inaceitável em um Estado Democrático de Direito. Para isso, instituímos o Sistema Nacional de Prevenção e Combate à Tortura em 2013. O decreto que eu assinei hoje reestruturando o Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos será o importante instrumento para fortalecer e tornar mais efetivo o combate à violência contra militantes de direitos humanos.

Nós queremos continuar trabalhando juntos pela construção de um Brasil justo e plural, daí a importância do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil. Esse marco melhora as nossas relações, mas, sobretudo, faz com que avanços que nós tivemos nessa colaboração, Estado-sociedade, não possam voltar para trás. O marco regulatório institui a política, garante essa parceria, garante esses direitos.

Quero, agora, falar para vocês sobre esse processo que está em trâmite, que é o processo de impeachment. O processo de impeachment, eles dizem “ora, o processo de impeachment é absolutamente legal porque está previsto na Constituição”. Isto é aquilo que se chama meia-verdade. Você faz uma meia-verdade para encobrir a sua mentira. Este processo, ele, de fato, todo mundo aqui pode dizer: “é, é claro, o impeachment está previsto na Constituição”. É fato. Só que não pode ter impeachment sem base jurídica para o impeachment; sem crime. Aí, quando você faz impeachment sem base legal você está praticando um golpe. Golpe! É claro.

É claro, tem várias formas de golpe. Tem o golpe feito com armas na mão; ou tem golpe feito com tanques. Mas tem um novo tipo de golpe, que você faz com as mãos nuas. Como? Rasgando a Constituição. Este golpe que está em andamento é um golpe contra a democracia, que rasga a Constituição. Nós não vamos deixar esse golpe prosperar.

Vocês sabem perfeitamente que esse processo tem um pecado original. Vocês acabaram de falar quem é o pecado original. O pecado original é o presidente da Câmara. Mas vocês podiam me perguntar: “por que ele é o pecado original?” Eu vou explicar para vocês porque - e isso foi amplamente noticiado: o senhor presidente da Câmara, ele queria fazer um jogo escuso com o governo. Qual era o jogo? “Votem para impedir que eu seja julgado no Conselho de Ética, tira os votos que o governo tem, no Conselho de Ética - eram três votos - e aí eu não entro com o processo de impeachment”. Um governo que aceita uma negociação dessas é um governo que entra em processo de apodrecimento. Por isso, nós nos recusamos a essa negociação.

Daí, o que acontece? Acontece que o senhor presidente da Câmara, que tem acusações e pedidos de processo no Supremo, abriu o processo de impeachment. Esse é o pecado original. E mais: eu não tenho contas no exterior. Jamais usei dinheiro público para me beneficiar; não tenho acusação de corrupção.

Então, o que eles fizeram? Arranjaram uma acusação. Toda acusação arranjada é frágil. Do que me acusam? Me acusam de ter práticas - é importante que vocês percebam isso -, de ter práticas contábeis incorretas. Para me beneficiar? Não. São seis decretos, todos eles de suplementação. O que é isso? É o seguinte: você aprova o Orçamento. O Orçamento é que nem uma lista de compras no supermercado, está lá escrito o que você vai comprar. Ocorre que você só tem o dinheiro que está no seu bolso. Para você comprar aquilo que está na sua lista de supermercado só tem um jeito: ou você tira - eu ia comprar um quilo de arroz, se eu resolver comprar dois quilos de arroz, eu vou tirar um litro de leite. Orçamento público é igualzinho.

Quais são? O que que eu suplementei? Onde é que está o crime? O Tribunal... Não foi... Eu não suplementei para o governo federal apenas. O Tribunal Superior Eleitoral abre concurso; a pessoa vai lá e paga para fazer a inscrição. Muita gente se inscreveu. O Tribunal manda um ofício para nós e diz: “olha, eu tenho um excesso de dinheiro porque mais gente se inscreveu e sobrou um dinheiro, eu quero ampliar, então, o meu concurso, ou qualquer outra ação”. Um dos decretos é sobre isso. O outro diz respeito a hospital, hospital público. Nós recebemos o pleito de ampliar o que se gastava no hospital porque recebemos doações de pessoas e de instituições. Então, aumentamos a quantidade de dinheiro para hospital. Aí vou dar outro exemplo: a gente paga transferência de renda. Todo país que se preza, e o nosso país transfere renda para aqueles que mais precisam. Que tipo de renda? Várias, mas eu vou dar dois exemplos: Bolsa Família é um, seguro-desemprego é outro. Ninguém sabe quanto, no dia, quanto eu vou pagar de seguro-desemprego naquele mês porque a gente não controla quem entra e quem sai. Então você faz uma estimativa e passa o dinheiro para o banco pagar. Se for mais gente que está desempregado e pediu o seguro, o banco paga e a gente paga para o banco, e ainda paga juros, pelo tempo em que o dinheiro não... nós



demoramos para repassar. Se for o contrário, se nós passamos mais e o banco ficou com o dinheiro, ele paga, para mim, juros sobre o dinheiro que ele ficou. Sempre foi feito isso no Brasil, desde 1994. Só que tem que na minha vez é crime. Só tem isso. Por que é crime? Porque, não tendo crime do que me acusar, inventam que é crime aquilo que não é crime.

Por isso, eu quero dizer para vocês que esse é um processo extremamente complicado. Esse é um processo que diz respeito à democracia do Brasil e não só ao meu mandato. O que está em questão são os direitos de vocês, sim. Nós vamos discutir o nome social; eles não vão discutir o nome social com vocês. Então, se acalmem, eu asseguro a vocês que nós discutimos. Agora, eles não só não discutem como jamais farão uma legislação para garantir direitos do povo LGBT.

E eu queria concluir a minha fala, e aí é que as coisas são interessantes. A democracia tem disso: o direito absoluto de reivindicar. Todo mundo tem direito de reivindicar. Quero dizer ainda, antes de concluir, o seguinte: eu vou lutar até o fim para garantir que a democracia seja respeitada. Esse impeachment, esse impeachment, esse processo, ele, na verdade, não é um processo de impeachment. Vou dizer para vocês o que ele é: ele é um processo de eleição indireta. Eleição indireta daqueles que não têm voto para se colocar em uma disputa e receber os votos do povo brasileiro, que é o único caminho, único caminho correto para alguém chegar ao governo, único.

Esse processo que leva a transformar um processo de impeachment em, na verdade, disfarçado, que é uma eleição indireta, é muito importante a gente ter na cabeça: todos nós aqui lutamos diariamente, diuturnamente, pelas Diretas Já. Muitos aqui, talvez, não tenham lutado porque não eram nascidos, ou eram muito jovens. Mas o pessoal mais velho que nem eu, lutou nas Diretas Já. Nós fizemos uma trajetória muito longa para lutar nas Diretas Já, para garantir eleições diretas, voto secreto, para eleger presidente, governador e prefeito. Portanto, nós não vamos deixar que encurtem o caminho para o poder através de uma eleição indireta falsificada em impeachment.

Mas é importante lembrar sempre que o que está em questão não são apenas os 54 milhões de votos que deram a mim na eleição em 2014. Não é isso que está em questão só, são os 54 milhões, mas é mais: é mesmo aqueles que não votaram em mim, que compareceram às eleições, que são 110 milhões; 110 milhões de brasileiros naquele dia saíram das suas casas, foram lá e colocaram o voto na urna. Eles também serão roubados do seu voto, porque mesmo quando você participa de um processo eleitoral, você tem de respeitar o seu adversário, porque você está no mesmo jogo com ele, e tem regras claras. E só tem um vencedor em uma eleição: é o povo brasileiro, que vota e diz quem é que será seu dirigente; só ele é o vencedor. Por isso, não podemos desrespeitar eleições diretas no Brasil. Porque se aceitar isso, você está desrespeitando o povo brasileiro.

Por isso, eu queria dizer para vocês o seguinte: a democracia é o lado certo da história; é o lado certo para todos que estão aqui: para as crianças e os adolescentes, para as pessoas com deficiência, para os homens e mulheres, para a população LGBT, para as mulheres, para os negros, para todos aqueles que sabem que conquista de direito é só um começo.

E eu acredito que uma Conferência como essa, é um local para vocês garantirem diálogo e participação, e reivindicarem, sim, aquilo que vocês consideram ser direitos a serem conquistados. Um grande abraço e continuem lutando.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra (40min46s) do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-conferencia-nacional-de-direitos-humanos-e-encerramento-das-conferencias-nacionais-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-da-pessoa-idosa-de-lgbt-e-da-pessoa-com-deficiencia)  
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-conferencia-nacional-de-direitos-humanos-e-encerramento-das-conferencias-nacionais-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-da-pessoa-idosa-de-lgbt-e-da-pessoa-com-deficiencia>),  
da Presidenta Dilma Rousseff



# 29-04-2016 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio da prorrogação da permanência dos médicos brasileiros formados no exterior e estrangeiros no Programa Mais Médicos - Brasília/DF

Palácio do Planalto/DF, 29 de abril de 2016

Bom, eu vou começar mostrando uma foto desse estudo, dessa verdadeira obra-prima, que é esse livro do Araquém Alcântara, Mais Médicos, que ele não mostrou, mas eu acho fundamental porque eu acho que as imagens, elas ilustram com muita força o que é o Programa Mais Médicos. Então é essa foto.

É, de fato, um estudo que mostra a alma do Mais Médicos. Mas eu vou iniciar saudando aqui os nossos queridos médicos e médicas que nos honram com as suas presenças e que integram o Programa Mais Médicos. São médicos brasileiros e são médicos estrangeiros, e, entre os estrangeiros, eu queria agradecer mais uma vez, tenho feito isso em cada cerimônia do Mais Médicos, aos médicos cubanos que foram aqueles que vieram na primeira hora nos ajudar aqui no Brasil. E agradeço, portanto, também, a Marilena Capote, ao agradecê-la, a embaixadora, agradeço ao governo Cubano pela parceria. E agradeço também à OPAS. Sem a OPAS, sem o Joaquim Molina, nós também teríamos imensa dificuldade em fazer o Programa Mais Médicos. Portanto, agradeço àqueles que estão diretamente ligados a esse processo.

Agradeço ainda ao nosso querido ex-ministro Padilha, que participou do grande esforço que foi implantar, em 2013, o Mais Médicos.

Quero também cumprimentar aqui e agradecer a eles: ao Agenor Álvares, ministro interino da Saúde, ao ministro Marcelo Castro, ex-ministro da Saúde, ao ministro da Justiça, Eugênio Aragão, e à ministra Nilma Lino Gomes,

Agradeço também a presença da senadora Ângela Portela.

Cumprimento também e agradeço o deputado Jorge Solla.

Tenho uma palavra para os prefeitos, ao agradecer aqui o prefeito da Frente Nacional, presidente da Frente Nacional dos Prefeitos, prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda, e o prefeito de Porto Alegre, José Fortunati. Ocasionalmente, as duas cidades que estão na minha vida e, portanto, na vida da minha família.

Também agradeço aqui ao secretário de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, que deu, de fato, uma apresentação emocionante, o meu querido Hêider Aurélio Pinto.

Quero também cumprimentar o presidente da Associação Brasileira de Municípios, o nosso querido Eduardo Tadeu Pereira, que sempre esteve ao lado dessa mobilização, junto com a Frente Nacional dos Prefeitos, e que foram aqueles agentes que, junto com os demais prefeitos, conscientizaram a todos nós da importância desse Programa Mais Médicos ser um programa que nós tivéssemos a coragem de realizar, porque era preciso coragem, sim, para fazê-lo.

Muitos disseram para mim: “já pensou bem nas consequências?”. Eu acho que nós tínhamos pensado muito bem nas consequências, e elas são muito importantes porque as consequências estão expressas na saúde da população brasileira, na garantia da atenção básica.

Cumprimento também o nosso presidente do Conselho Nacional de Saúde, Ronald dos Santos, que sempre está ali presente para fazer as críticas, propor medidas e encaminhar a questão fundamental, que é a política de saúde no nosso Brasil, no nosso País.

Cumprimento o querido Paulo Gadelha, presidente da Fiocruz,

Mais uma vez agradeço ao Araquém Alcântara, autor da obra fotográfica Mais Médicos, porque o Araquém consegue registrar em imagens a imensa dificuldade que neste País continental é assegurar a toda população brasileira o acesso à atenção básica de saúde.

Queria cumprimentar todos profissionais, médicos, enfermeiras, profissionais da área de saúde aqui presentes, gestores dessa área.

Queria também cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Foi justamente após as manifestações de julho, as manifestações de 2013, que nós lançamos os Mais Médicos, há menos de três anos. Qual era a nossa proposta? Nossa proposta era enfrentar um problema histórico no Brasil, que é a insuficiência de médicos. Primeiro cabia reconhecer, reconhecer que havia insuficiência de médicos. Porque não era algo que era amplamente conhecido em nosso País por toda a população a inexistência, a insuficiência de médicos, em especial no interior do País, nas populações indígenas, quilombolas, mas também nas grandes cidades do País. Aliás, um dos estados que demanda maior número de médicos é justamente o estado onde se concentra o maior número de brasileiros e brasileiras, que é o estado de São Paulo. Lá não tinha médicos suficientes na periferia das grandes cidades, no interior, nas cidades médias e nas pequenas. Isso era o que nós tínhamos diante de nós, com todos esses dados, um grande desafio. E por que eu recorro a números? Para que nós tenhamos o tamanho do desafio de quem tinha zero médicos, de chegar a atender, progressivamente, 63 milhões de pessoas, que é o que hoje nós cobrimos. E nós tínhamos ainda um dado, porque sempre é importante você se referenciar a alguma coisa. Nós nos referenciávamos aos nossos vizinhos. Nós tínhamos 1,8 médicos por mil habitantes, média bem menor que os nossos vizinhos Argentina e Uruguai, por exemplo, que se situavam em faixas superiores, alguns com uma média entre 2 a 3 médicos por mil habitantes. E nós tínhamos ainda outra questão: eram poucos médicos, mal distribuídos e, em 22 estados, o número de médicos estava abaixo da média nacional, mostrando que a desigualdade regional ela também atuava forte, sobre a questão do acesso à saúde, além da desigualdade social.

Pobres no interior, na periferia das grandes cidades, ou de populações tradicionais tinham acesso bem precário ao atendimento médico. Nós sabemos que as reações iniciais foram extremadas. Houve críticas bastante agressivas, mas houve também o empenho de muitos dos integrantes do Sistema Único de Saúde.

Hoje, nós chegamos, como já foi mostrado, a 18.240 médicos em atividade, em 4.058 municípios e 34 distritos indígenas. Uma das questões mais dramáticas era as notícias sistemáticas de indígenas sendo, não tendo garantia de tratamento e chegando até a haver mortes quando se refere ao tratamento das populações indígenas do nosso País. Hoje, nós temos todos os distritos indígenas cobertos, e beneficiamos 63 milhões de pessoas.

Nós sabemos que, ano a ano, as evidências de que o Mais Médicos é um programa que vai se transformando, sobretudo, em uma política de Estado, se concretizando como um desdobramento do Sistema Único de Saúde, e se afirmando como tal, é o que vem acontecendo. A satisfação com os médicos, quando a população é consultada, mostra 95% de avaliação extremamente positiva. Nos municípios participantes do Mais Médicos, uma grande indicação é o fato de ter diminuindo as taxas de internação, o que significa que, de

fato, a presença do atendimento dos médicos baseados na atenção básica cria, necessariamente, uma situação muito mais favorável no que se refere, também, ao atendimento na atenção hospitalar.

Tantos êxitos em menos de três anos mostram a importância, para nós da prorrogação desta medida. Por isso a Medida Provisória que eu assino hoje, que vai sendo encaminhada ao Congresso Nacional, ela se transforma em uma medida complementar ao programa Mais Médicos; na verdade, ela é o “Mais Médicos.2”. Com ela nós tomamos algumas providências: primeira, nós igualamos as condições de participação, no Mais Médicos, para médicos formados no Brasil e médicos formados no exterior. Todos que participam do programa poderão, a partir de agora, atuar por três anos e renovar sua permanência por mais três anos.

Essa autorização, que eu chamo de “Mais Médicos 2”, ela vai beneficiar a população imediatamente. Porque nós, com essa medida, estamos de olho nos interesses da população: 7.005 médicos formados no exterior, os primeiros, aqueles que vieram na primeira hora, que aderiram ao programa em 2013, esses mesmos, precisariam deixar seus postos agora em agosto. Com essa Medida Provisória, nós garantimos que esses 7.005 médicos permaneçam. Mas não é só: até o final do ano, outros 5.961 precisariam se afastar também. Veja o impacto dessa Medida Provisória, porque se 71% do total dos médicos que garantem, hoje, a atenção à saúde a cidadãos e cidadãs em todos os cantos do país, precisariam ser substituídos até o final deste ano, nada mais justo que fazer uma Medida Provisória que garanta este horizonte adequado: três anos e mais três de prorrogação.

Nós sabemos que ainda não há profissionais formados no Brasil em número suficiente. E, mais grave do que isso, a maior parte das vagas está em localidades remotas e de difícil acesso, onde é difícil os médicos com registro no Brasil optarem por fixar residência. Daí a importância de ter esses médicos com permanência garantida aqui no Brasil. Essa Medida Provisória, portanto, ela representa a continuidade do Mais Médicos. Agimos preventivamente para que a saúde do nosso povo continue recebendo a atenção necessária e os vazios assistenciais, os vazios onde não se via médico, não voltem a existir.

Eu quero, também, falar a respeito das providências que nós tomamos, não só agradecendo aos médicos estrangeiros que vieram ao Brasil nos ajudar, mas também o inquestionável esforço que nós fazemos para aumentar a formação de médicos no Brasil. Primeiro, é no sentido da interiorização dos médicos. Segundo, é também pelo fato que toda a política educacional garantiu o acesso de mais brasileiros à formação educacional de nível universitário. E sempre demos a prioridade à formação na área de saúde. Em 2015, todas as 4.139 vagas foram preenchidas por médicos brasileiros. Mas nós ainda temos um caminho a percorrer. Nós temos um caminho a percorrer tanto na criação de escolas de Medicina quanto na ampliação do número de vagas para a formação de bacharéis em Medicina e também para a especialização de médicos. Temos nos esforçado muito nesse sentido. Os resultados que nós vamos colher no futuro serão muito importantes; eu ousou dizer que serão extraordinários, por quê? Desde 2013, nós criamos 6.775 vagas em residência médica. Nós centramos nossos esforços de ampliação na residência de Medicina geral de família e comunidade. Ao mesmo tempo, nós também ampliamos os números de vagas em faculdades de Medicina, não só em novas como também expansão de vagas. E eu queria me solidarizar e apoiar a afirmação do prefeito Márcio Lacerda no sentido de se apressar a autorização para as 39 instituições, que estão pendentes, há oito meses, de autorização no Tribunal de Contas da União.

Nós sabemos que precisamos de mais profissionais, precisamos de mais profissionais médicos e precisamos que a nossa imensa população seja atendida por médicos. E é isso para nós é algo pelo qual vale a pena lutar.

Por isso, quero dizer, também, que desde o início do Mais Médicos, essa parceria com governadores e com prefeitos, ela tem sido fundamental. Nós só conseguimos realizar todas essas conquistas porque também tivemos a ajuda dos municípios e dos estados da Federação, prefeitos e governadores.

Acredito que nós teremos mais pedidos para aderir ao Mais Médicos, e que isso será, como até agora foi, um fluxo que nós temos atendido sistematicamente. Nós não chegamos aos 63 milhões do dia para a noite, e temos a consciência que mais será preciso fazer ao longo deste e dos próximos anos.

Queria, também, destacar que meu governo destinou, como mostrou o Hêider, R\$ 5,8 bilhões para obras de reforma, ampliação e construção de postos de saúde. Por que eu falo isso? Porque uma das grandes alegações contra o Mais Médicos era a inexistência de infraestrutura, o que foi uma falsa verdade. O que é uma falsa verdade? É aquela parte da verdade que falta ser completada. A meia verdade, que é a falsa verdade é o seguinte: no caso, é necessário, sim, a expansão da infraestrutura, ninguém pode negar isso, mas também ninguém pode negar que é possível atender, sem estar toda a infraestrutura completa. Fazendo o quê? Utilizando com eficiência a infraestrutura existente, e foi isso que foi feito.

Nós queremos dizer, também, que, desde 2013, nós assumimos o pagamento da bolsa de todos os médicos do Mais Médicos, que não atrasou um só dia, e assim deve continuar. Eu sei que alguns me acusam de ter ampliado os gastos sociais, e me sinto orgulhosa por estar cumprindo um papel de ampliação dos gastos sociais que, aliás, é obrigação de um presidente eleito pelo voto direto e secreto da população, com compromisso com o povo. Repito, nós ampliamos, sim, os gastos em saúde, e ainda é necessário fazer mais, temos consciência disso. E qualquer um que proponha fazer ajuste fiscal diminuindo as despesas com saúde da população está propondo um grande retrocesso, indo na contramão do interesse da população. Muito pior ainda se ousar eliminar a vinculação obrigatória e constitucional dos gastos na área de saúde prevista na Emenda 29 da Constituição. Além de rasgar nossa lei maior, fere direitos básicos do povo brasileiro. Acredito que o cumprimento da Emenda 29 tem sido característica de todos os governos nos últimos anos.

Ao falar dessa Constituição que é chamada Constituição cidadã, a nossa Constituição de 1988, eu queria, aqui, mais uma vez, me referir às meias verdades. Dizem que o impeachment está previsto na Constituição; essa é a parte que é verdade, mas ela é a metade da verdade. Qual é a outra parte que não dizem? Não dizem que para haver processo de impeachment, em um regime presidencialista como é aquele adotado pela Constituição do nosso País, é necessário haver crime de responsabilidade. Se não houver crime de responsabilidade, o processo é um golpe.

Então vejamos, os atos de que me acusam foram praticados pelos governos que me antecederam. E nenhum desses atos foram considerados criminosos por ocasião da sua prática nos governos que me antecederam, e também no meu governo, ao longo dos anos, [20]11, [20]12 e [20]13. Em que consistem esses atos de que me acusam? De eu ter contas no exterior? Não, porque não tenho contas no exterior. De ter praticado atos de corrupção? Não, porque não os pratiquei. De ter cometido alguma irregularidade com dinheiro público? Não, porque não as fiz. Então, em que consistem essas acusações? São seis decretos de suplementação. Decretos de suplementação são o quê? São o seguinte: quando você faz uma suplementação, é como quando você vai no supermercado com uma lista. Na sua lista está escrito todos os produtos que você quer comprar: dois quilos de arroz, dois de açúcar, dois de feijão e um quilo de carne. Esse é o orçamento de um país, mas o país tem, também, um limite financeiro, que está no seu bolso, que é quanto você pode gastar lá no supermercado.

Se você vai ao supermercado e, no meio do caminho, alguém da sua família te liga e fala: "ao invés de comprar dois quilos de arroz, está faltando mais açúcar, compra três de açúcar e diminui o arroz, ou compra mais um quilo de açúcar, por favor", e não diz para você diminuir o arroz. Aí o que você faz, se você só tem R\$ 100? Você tem só um jeito: ou você tira do arroz, ou você tira do feijão, ou você tira do açúcar. O crédito suplementar é: se você tirou de algum lugar, ou você se você tirou, ao invés de você comprar dois quilos de arroz, você compra um, isso é o crédito suplementar. Eu tive de tirar de algo que já existia para poder pagar.

E aí, esses seis decretos dizem respeito a quê? A alguma coisa que o governo federal indevidamente embolsou? Não. Vou dar três exemplos: um deles é um pedido do Tribunal Superior Eleitoral. Não é um pedido do Executivo, é do TSE. O que ele pede? Ele pede para ampliar os gastos com concurso público. E o que o Tribunal Superior Eleitoral alega, com razão? Alega o seguinte: nos concursos que eu fiz, vieram mais pessoas e pagaram mais taxas, então sobrou, eu tenho um dinheiro que eu posso colocar em mais cursos e fazer novos concursos; esse é um. Outro: hospitais federais do MEC, hospitais federais do MEC. De que me acusam? De ter aumentado o gasto desses hospitais federais. Como nós aumentamos? Aumentou o número de doações para esses hospitais, então essas doações se transformaram em gastos suplementares. E o último exemplo que vou dar é do Ministério da Justiça: Escoltas e formação de servidores, também alegando aumento na chamada taxa de polícia que eles cobram.

Veja bem, qual é a alegação principal? É que, tendo de fazer cortes, nós ampliamos gastos. Só não contam que nós já tínhamos feito os cortes, estávamos ampliando os gastos de medidas específicas.

As outras questões que alegam, às vezes alegam, às vezes saem, mas eu respondo elas, dizem respeito a atos de governo, por exemplo: transferências de renda é uma das acusações. O governo federal faz transferência de renda, para quem? Por exemplo, faz Seguro-desemprego, Abono Salarial, Bolsa Família. Nós fazemos transferência de renda para a população, que, por um motivo ou por outro, é que mais precisa. Essas transferências de renda, nós não temos, o governo federal, ele não tem caixa; administração centralizada não tem um caixa em cada Estado. Então, a gente usa um banco público para pagar, fazer esse serviço para nós. O que nós fazemos? Nós contratamos o serviço da Caixa [Econômica] Federal, por exemplo, para fazer os pagamentos.

A discussão é: quanto tempo nós levamos para pagar as diferenças. Que diferenças? No início eu não sei, ninguém sabe, quantas pessoas vão pedir abono salarial, quantas pessoas vão pedir Seguro-desemprego. Se for, a gente passa um valor para a Caixa, se for maior, ela bota, ela me cobra em juros a diferença que eu deixei de passar. Se for menor, ela me paga os juros. Ao longo dos anos, ao fechar o ano, essa diferença sempre foi positiva para a União. Sempre a União passou mais dinheiro do que recebeu, isso ao longo do ano. Em momentos específicos nós tivemos um saldo negativo, mas é importante destacar que, ao longo do ano, jamais o saldo foi negativo e, portanto, favorável ao banco e contra a União.

Disso me acusam; me acusam, também, a última acusação, de pagar subsídios. O que são subsídios? Subsídios é a diferença entre a taxa de juros vigente e a taxa de juros que o governo cobra para viabilizar programas de investimento e programas sociais. Minha Casa Minha Vida, quem ganha até R\$ 2 milhão tem - podia até botar um pouco mais, mas vou botar R\$ 2 mil -, não tem condições de chegar em um banco e falar: "eu quero comprar uma minha casa própria". Então o que faz o programa Minha Casa Minha Vida? Não só utiliza um volume de recursos que a União coloca e também diminui os juros que nós cobramos da casa própria das pessoas que mais precisam.

Isso, quando o banco paga para mim, forma-se um passivo. Nós fechávamos o passivo no final do ano, ou quando a operação se realizava. Agora, querem que a gente faça de seis em seis meses. A partir do momento que eles conseguiram aprovar de seis em seis meses, nós passamos a fazer de seis em seis meses. E mais: tudo que eles falavam que era passivo, o governo federal pagou à vista, R\$ 55 bilhões no final de 2015. Portanto, senhoras e senhores, é disso que me acusam.

Eu tenho clareza que é ridícula a acusação. Porque o que nós fizemos foi garantir programas sociais e garantir programas como o Plano Safra - para a agricultura -, e o Programa de Sustentação de Investimento, para a indústria.

Há de fato, um processo que está em curso e esse processo tem nome: o nome é golpe! Esse processo é um golpe porque não se trata de um processo de impeachment; se trata, na verdade, de uma eleição indireta, coberta pelo manto do impeachment. Eleição indireta daqueles que não tiveram votos nas urnas, naquela que o povo vota. Aqueles 115 milhões que votaram nas eleições de 2014, que deram a mim 54 milhões de votos. Mas é um

desrespeito, também, a todos os 115 [milhões], porque os 115 [milhões] saíram de casa e foram lá votar. Eles exerceram aquilo que é fundamental em um Estado Democrático de Direito, que é o democrático, que a legalidade e a legitimidade que o só voto popular assegura, fornece e garante.

Então, o que acontece? Agora como é um impeachment sem razão, sem base real, o que se está praticando é uma verdadeira eleição indireta travestida de impeachment, porque não poderiam fazer eleições indiretas porque esse país tem um regime presidencialista no qual, de quatro em quatro anos, o presidente é eleito. Isto é romper com as bases do Estado Democrático de Direito. Mas a minha luta não é só para preservar o meu mandato, é interessante que eles me acusam de programas sociais e de programas de investimento. A minha luta, como hoje aqui, é para garantir e preservar conquistas históricas da população brasileira. Conquistas históricas da população brasileira como é o Mais Médicos, como é o SUS, e para garantir que a democracia tenha um sentido substantivo. Eu tenho clareza que é muito importante que a gente perceba que conquistas sociais, programas de crescimento e ferimento à democracia estão sendo praticados neste momento no Brasil. Acredito que ter clareza disso é algo que nós devemos, para o presente e para o futuro, porque eu tenho certeza que a democracia será sempre o lado certo da história.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-da-prorrogacao-da-permanencia-dos-medicos-brasileiros-formados-no-externo-e-estrangeiros-no-programa-mais-medicos-38min23s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-anuncio-da-prorrogacao-da-permanencia-dos-medicos-brasileiros-formados-no-externo-e-estrangeiros-no-programa-mais-medicos-38min23s>) (38min23s) da presidenta Dilma.